N.º 8 JANEIRO 2013 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

BLIMUNDA

MEIOS CRUZADOS

BD

E REPORTAGEM

— O futuro será melhor.

— É o que se diz sempre, se o presente não é bom. Mas quando é bom o presente, ou aceitável, então levamos o tempo a temer o dia de amanhã.

Diálogo entre Ana de Sá e Luís de Camões, na peça *Que farei com este livro?*

Um livro para os tempos que correm

Diz o senso comum que todas as gerações passam, em algum momento, por aquela sensação desagradável de estarem a viver tempos complicados, difíceis de interpretar, parcos em esperança ou em perspectivas de futuro. O que o senso comum não diz é que pouco importa se os que nos antecederam e os que nos hão-de suceder também tiveram ou terão as suas dores, porque dificilmente a dor alheia serve para mitigar a nossa, mesmo quando dias mais críticos nos obrigam a experimentar essa sensação egoísta.

Os tempos que vivemos não estão para optimismos e *A Instalação do Medo*, de Rui Zink, confirma-o sob a forma de uma distopia que, sem esperanças vãs nem moralismos de mudança, faz uma radiografia cruel do modo como o quotidiano e o reduto ilusoriamente inviolável de cada indivíduo se transformaram em propriedade dos mercados, essa entidade invisível que tudo decide. Numa casa anónima, dois homens batem à porta e apresentam-se como a equipa técnica responsável por efectuar a instalação do medo, um procedimento obrigatório a que, neste livro, todos os cidadãos têm de se submeter dentro dos seus lares. A mulher que abre a porta será a terceira personagem da narrativa, interagindo com os técnicos como se estivesse numa espécie de palco, ilusão vã que a leitura permite manter nas primeiras páginas, mas que logo se desfaz. Quando o drama deixa de ser o da mulher para se revelar o de parte considerável de nós, mesmo sem técnicos de instalação do medo, percebe-se que a óbvia metáfora para os muitos tentáculos que nos vão invadindo a vida não é tão inocentemente linear como podia parecer. A narrativa assume desde o início a linearidade da metáfora, com os técnicos do medo a mimarem passo a passo o processo de instalação de uma qualquer box de televisão por cabo ou de internet sem fios, e usa o efeito dessa linearidade de um modo quase sádico, como se preparasse o leitor para um simples exercício de simbolismo social antes de o deixar angustiado com o retrato dos dias que se têm vivido no lado ocidental da Europa.

Mais do que a metáfora óbvia encarnada pela equipa de instaladores, é o absurdo que estrutura *A Instalação do Medo*. Os diálogos encenados dos dois técnicos, mesmo quando ameaçam resvalar para alguma previsibilidade, são um dos elementos fortes da narrativa, conferindo-lhe ritmo, matéria para reflexão e verosimilhança, mesmo quando o fantástico assoma por entre as cenas. O mesmo se pode dizer da descrição do pânico sentido pela personagem feminina, revelando gradações e cenários com as quais a identificação do leitor é quase inevitável, e da deambulação narrativa pelos temas que marcam o ar do tempo, do nosso tempo (entre a novilíngua do empreendedorismo e a omnipresença dos mercados, a discussão sobre o melhor modo de organizar uma sociedade e a certeza de que a existência de forças de segurança capazes de conterem a raiva é mais importante do que as acções que podiam minorar essa mesma raiva). Mas é no absurdo e na sua exposição de diferentes perspectivas, da linguagem quotidiana ao funcionamento das instituições que asseguram a cidadania, que *A Instalação do Medo* se torna um livro para os tempos que correm, leitura aconselhada para quem sabe que os técnicos que asseguram o medo não estão tão longe do quotidiano como gostaríamos de imaginar e, além de tudo isso, exercício eficaz de questionamento, tanto mais eficaz quanto não se arvora em iluminador de soluções infalíveis.

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO
THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION
CASA DOS BICOS

Segunda a Sexta
Monday to Friday

10 às 18 horas
10 am to 6 pm

Sábado
Saturday

10 às 14 horas
10 am to 2 pm

ONDE ESTAMOS
WHERE TO FIND US
Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses 25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746, 759, 774,
781, 782, 783, 794

Fundamentalismo ameaça Timbuktu

COM A DESTRUIÇÃO DOS BUDAS DE Bamiyan, no Afeganistão, o mundo confirmou que a herança do fundamentalismo, qualquer que seja a sua origem, não pode ser outra que não a ruína. Agora, o fundamentalismo islâmico ligado à Al-Qaeda está obcecado com a destruição dos mausoléus de Timbuktu, no Mali, por considerá-los uma afronta à religião monoteísta. O mesmo risco correm os vários manuscritos medievais e pré-islâmicos guardados na cidade, a decoração exterior das mesquitas e outros monumentos que testemunham o esplendor da cidade que encantou exploradores ao longo dos séculos, todos decretados Património da Humanidade pela UNESCO, uma forma de dar a conhecer o valor cultural e histórico do lugar e de garantir a sua preservação. Como explica Jacinto Antón, num artigo publicado no *El País*, talvez esse decreto da UNESCO não chegue para salvar aquilo que nem o tempo devia conseguir destruir.

http://cultura.elpais.com/cultura/2012/12/29/actualidad/1356801903_775949.html

Viajar na era do consumo rápido

O ESCRITOR E JORNALISTA MICHEL Laub é uma das mais recentes vozes da opinião publicada na *Folha de São Paulo*. Numa crónica de dezembro passado, o autor disserta sobre o inesgotável tema das viagens, contrapondo viajantes dispostos ao risco e à descoberta a viajantes obcecados com a ideia de fugirem ao cliché do turista ocidental (tantas vezes os mesmos que caem em vários outros clichés, um pouco menos inofensivos que o do turista): "Num mundo uniformizado, em que quase todas as experiências são acessíveis por cartão de crédito, resta saber se estamos tão distantes desse clichê. Existe autenticidade possível em 30 dias de aventuras pré-programadas? Para viver a fantasia de pairar acima da manada, basta apenas não usar boné e meias até ao joelho, trocando as fotos da Disneylândia pela praia sem eletricidade, o *show* de ingressos esgotados, o "restaurantezinho"?" O tom pode não ser meigo, mas as linhas de reflexão abertas pelo texto de Laub fazem todo o sentido nesta era em que tudo se partilha depois de experienciado, como se já não existisse experiência sem essa partilha instantânea e indiscriminada, tantas vezes em tom de basófia, como quem conta quilómetros percorridos, aeroportos visitados e praias desertas descobertas. Se a preocupação mais urgente quando se viaja é fugir do cliché, talvez se possa seguir o conselho do autor e trocar a viagem por um livro: *Viagem à Roda do Meu Quarto*, de Xavier de Maistre, por exemplo.

http://www1.folha.uol.com.br/colunas/michellaub/1204357-motivos-para-viajar-ou-nao.shtml

leituras do mês

O museu marítimo de Man

NO INÍCIO DOS ANOS SESSENTA, UM alemão chegou à Costa da Morte, na Galiza. Decidido a parar no lugar onde o mar lhe parecesse mais forte e a terra mais acolhedora, Man instalou-se em Camelle, terra de pescadores, e ali foi criando uma espécie de museu ao ar livre com as esculturas a que dava vida a partir dos rochedos e dos detritos que o mar arrastava. Quando, em 2002, o navio Prestige naufragou ao largo da Galiza e inundou as praias com crude, Man viu a sua obra e as praias que já eram suas ameaçadas pela mancha negra e acabou por morrer, deixando aos moradores de Camelle a missão de zelar pelo património que ali tinha edificado. Os moradores aceitaram a missão, e criaram uma fundação com o nome do criador do estranho museu à beira mar, mas dez anos depois da morte de Man queixam-se do abandono a que o conselho da cultura galega e as autoridades locais condenaram a obra do artista alemão. No site *Sermos Galiza*, a história de Man e do museu ao ar livre de Camelle conta-se com detalhe.

http://www.sermosgaliza.com/artigo/cultura/o-legado-de-man-esmorece-dez-anos-despois/20121214161818008679.html

Camilo Pessanha na Orgia Literária

O SITE *ORGIA LITERÁRIA* TEM DADO A ler críticas, recensões e artigos vários sobre livros e autores, para além de crónicas e entrevistas, sempre com a atenção dividida entre a atualidade editorial e a dimensão intemporal dos textos e das obras de alguns escritores. No panorama da internet portuguesa dedicada à literatura e à edição, é um dos sites que vale a pena acompanhar – pela linha editorial, rigorosa e ao mesmo tempo capaz de dar espaço a cada colaborador, e pelo arco de interesses literários. Um dos últimos artigos publicados é dedicado a Camilo Pessanha, autor conhecido pelo volume *Clepsidra* mas que assinou dezenas de outros textos, muitos deles dispersos por publicações periódicas e hoje de difícil acesso. Helena Bento traça o percurso biográfico de Pessanha, cruzando os factos conhecidos da sua vida com apreciações alheias da obra que criou, nomeadamente as de Mário de Sá Carneiro, deslumbrado com o verso do poeta, e as de Fernando Pessoa, que chegou a convencer Pessanha, avesso a divulgar o seu trabalho, a ceder alguns poemas para publicação no número 3 da revista *Orpheu* (que nunca chegou a sair). Quem procurar uma pequena síntese sobre a obra de Camilo Pessanha, com as referências bibliográficas essenciais e algumas pistas para leituras mais profundas, tem aqui um bom ponto de partida.

http://www.orgialiteraria.org/2012/12/camilo-pessanha-eu-vi-luz-em-um-pais.html

MEIOS CRUZADOS: REPORTAGEM E BANDA DESENHADA

SARA FIGUEIREDO COSTA

PRANCHAS NARRATIVAS E VINHETAS contendo imagens que se organizam para contar algo que já aconteceu não serão os elementos que mais rapidamente assomam numa conversa sobre reportagem e jornalismo. Não é apenas pela pouca frequência com que estes dois meios se cruzam, chegando às páginas de jornais, revistas e livros, quando comparamos com as reportagens escritas e fotográficas, mas é também pelo pouco consenso produzido quando se discute o resultado de semelhante interseção .

O cruzamento destes dois meios já produziu textos absolutamente pacíficos no que às características de cada um diz respeito – Joe Sacco será o exemplo mais reconhecido e consensual –, mas tem produzido igualmente várias obras que suscitam questionamentos sobre ambos os meios, banda desenhada e reportagem jornalística. E se o campo da banda desenhada abre a discussão sobre as fronteiras de um modo mais amplamente reconhecido, o da reportagem também não é isento de inquietações ontológicas. No livro *As Origens da Reportagem – Imprensa* (Livros Horizonte, 2009), Jacinto Godinho desenvolve a questão, centrando-a no campo da filosofia e expondo as arestas e as novas dúvidas suscitadas por esta necessidade definidora. Sem compromisso com o encerrar do assunto, e preferindo sempre explorar essas novas dúvidas, o autor propõe alguns pontos definidores: "Quando perguntamos 'o que é a reportagem?' perguntamos pela sua quididade. A quididade da reportagem é reportar. Se tivermos em conta que a reportagem é uma das formas de perguntar pelo ser das coisas, a resposta que ela dá é que as coisas são 'reportando-se' em primeiro lugar. A reportagem não pergunta por todas as coisas. Existem coisas (...) na vida moderna que são reportadas. Acima dissemos que seriam alguns fenómenos ou acontecimentos filtrados pela 'peneira' própria da reportagem. Fenómenos e acontecimentos remetendo-nos para um tempo específico. São coisas que acontecem num tempo particular e que, por serem fenómenos, ou seja, por terem a particularidade de aparecerem, de conseguirem evidenciar-se no seu aparecer, ganham a curiosidade de serem perguntados."(pg.17)

Sem reduzir a discussão sobre as características da reportagem a algum tipo de simplicidade, e convocando para o seu âmago o papel fundamental que as regras do trabalho jornalístico e o seu código deontológico têm de assumir, é possível reconhecer na essência da reportagem um ele-

Constantin Guys, *Grisettes and Workers*

Mathieu Sapin, Campagne Présidentielle – 200 jours dans les pas du candidat François Hollande (Dargaud, 2012)

mento preponderante, e esse elemento é a narrativa. Mais concretamente, e voltando a Jacinto Godinho, o elemento essencial da reportagem inscreve-se no seu próprio nome e a etimologia das palavras latinas *reportare* e *raportare* ajudam a iluminar a sua natureza: "As duas palavras do latim indicam já um destino ambíguo que marcará futuramente o destino do reportar. Indicam, num mesmo gesto, dois possíveis movimentos, o ato de trazer (portar) 'algo à presença de alguém' ou de levar 'alguém à presença de algo'." (p.21) O modo como estes dois movimentos se configuram não é, em caso algum, definidor da natureza da reportagem, pelo que acrescentar a banda desenhada aos meios possíveis não será exatamente uma rutura .

ACEITANDO A BANDA DESENHADA como um meio, uma linguagem, cuja característica mais transversal – mas não única, nem restritiva – assenta na relação entre texto e imagem e entre mais do que uma imagem (não necessariamente em sequência narrativa, ainda que essa situação seja comum), e aceitando igualmente a ilustração, assumida em sentido lato, como parte integrante, em diálogo, confronto, união, dessa linguagem, é um gesto lógico recuperar Constantin Guys, o pintor que levou Charles Baudelaire a assinar a obra *O Pintor da Vida Moderna*, e ler a sua obra à luz deste cruzamento de dois meios, o da banda desenhada e o da reportagem.

Apontar Guys como o primeiro autor a cruzar banda desenhada ou ilustração e reportagem será tão relevante como todas as afirmações perentórias sobre quem foi a primeira pessoa a fazer qualquer outra coisa – é um gesto digno de álbum de recordes, ou de uma lista hierárquica, mas pouco pertinente para uma reflexão sobre o tema que permita descortinar nuances, limites quebrados, relações inesperadas. No entanto, será talvez pertinente olhar para o caso de Guys como um exemplo possível, e grandioso, deste cruzamento de meios, ou melhor, um exemplo de como, nessa altura, aquilo que hoje propomos sob esta expressão cuidadosa 'cruzamento de meios' era o meio em si, o gesto natural de narrar o que se via e sabia para que outros, noutro lugar, pudessem ver e saber também.

Nascido na Holanda, em 1802, foi em França que desenvolveu parte considerável do seu trabalho como pintor e aguarelista. Os cafés, as avenidas cheias de gente em passeio, a ópera, as ruas, tudo Guys registou com traço rápido e certeiro, conferindo às suas imagens aquela aura onde o rea-

A gritar.

Cansados de esperar,

A chorar.

A gritar slogans em inglês.

PLO! ISRAEL NO!

O que faz sorrir alguns polícias.

E é isso que faz tudo aquilo parecer uma encenação...

... como se toda a gente já o tivesse feito antes...

... como se toda a gente saiba a parte dele ou dela...

... como se as trincheiras fossem adereços e os fedelhos aos gritos apenas um toque no cenário...

Mas—

A velhota acorda-me

Caramba, ela tem gaitas na voz!

Está a gritar, a gritar, a gritar:

"CÃES! CÃES!"

É SÓ ISTO, MEU AMIGO, ACABOU.

56

Saburo e eu voltamos a juntar-nos... comparamos apontamentos... estavam montes de fotógrafos determinados em redor da manifestação, e Saburo, com a sua super--marvilhosa--fantástica 35mm Saturn V, foi enxotado da cena... parece que eu tive mais sorte...

ACHO QUE CONSEGUI UM PAR DE BOAS FOTOS.

E então...

EI, LEMBRAS-TE DE MIM?

AH, SALÉH, CERTO?

Claro, uma vez partilhamos um táxi desde Ramallah... ele é palestiniano... um fotógrafo de um serviço internacional via satélite...

ACABEI DE CHEGAR... CONSEGUISTE FOTOS? DE PESSOAS A SEREM ATACADAS?

CONSEGUI UMA FOTO DE UM POLÍCIA A ARRASTAR UMA MULHER, MAS A MÁQUINA NÃO É GRANDE COISA.

NÃO IMPORTA SE FOR UMA BOA FOTO. NÓS COMPRÁMO-LA.

Ele liga para o escritório e eles querem ver as minhas fotografias...

No caminho diz-me estar entediado com a insurreição... já não há boas fotografias... são as velhas manifestações de sempre, diz ele, com as mesmas pessoas a atirarem as mesmas pedras, os mesmos soldados...

A INTIFADA ACABOU, ESPECIALMENTE AGORA QUE EU NÃO LHE CONSIGO TIRAR UMA FOTO!

Sim, mas eu consegui... e muito em breve a minha foto vai ser enviada através do Mundo, esparramada nas primeiras páginas em todo os lugares... "Fotografia de Sacco o artilheiro"! A revelação-sensação do fotojornalismo! E sabem uma coisa? Não foi nada demais! Eu sou um raio de um virtuoso!

Quando chegamos ao escritório, já me estou a preparar para aceitar troféus e chorosamente agradecer aos meus pais...

ÉS TU O TIPO QUE TEM FOTOS DA "VIOLÊNCIA"?

Sou eu!

57

REGARDS FROM SERBIA

by ALEKSANDAR ZOGRAF.

26 AVRIL 1999
ÇA FAIT PLUS DE 30 JOURS QUE L'OTAN A COMMENCÉ A ATTAQUER LA SERBIE... J'AVOUE QUE JE SUIS TROP STUPIDE. J'ARRIVE PAS À DESSINER. PLUS RIEN N'A DE SENS !

MAIS JE SAIS CE QU'IL FAUT FAIRE ! JE VAIS PENSER POSITIVEMENT! OUAIS ! JE VAIS CONTINUER A VIVRE DANS MON MONDE IMAGINAIRE !

AIIUUIAUIUU

PUF!

LA SIRÈNE DE RAID AÉRIEN ! RETOUR À LA RÉALITÉ !

Regards from Serbia ! by ALEKSANDAR ZOGRAF.

J'AI REGARDÉ UN SPECTACLE ÉTRANGE DEPUIS MA CHAMBRE PLONGÉE DANS LE NOIR. LA DÉFENSE ANTIAÉRIENNE ÉTAIT TRÈS ACTIVE CE SOIR-LÀ...

29 AVRIL 1999

LES BOMBES TOMBAIENT SUR BELGRADE, À 20 KM. JE SAVAIS QUE DES GENS POUVAIENT PERDRE LA VIE À CHAQUE EXPLOSION....

BLAAAM!!!

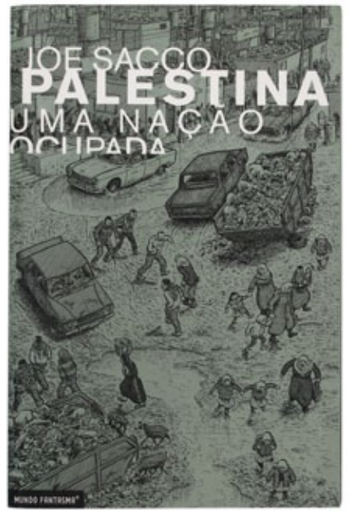
J'AI VU UNE BOULE BLANCHE DANS LE CIEL... C'ÉTAIT UN PROJECTILE DE L'OTAN, VOLANT, APPAREMMENT LENTEMENT, VERS LA ZONE INDUSTRIELLE DE NOTRE QUARTIER... IL Y AVAIT QUELQU'UN DANS LA RUE QUI HURLAIT —

ÇA VIENT DE NOTRE CÔTÉ ! ÇA VA TOMBER SUR NOTRE PATÉ DE MAISONS !

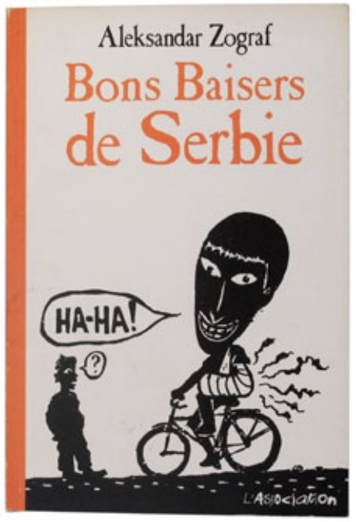
ET C'EST VRAI QUE LE MISSILE DE L'OTAN DEVAIT AVOIR L'AIR DE SE DIRIGER DE NOTRE CÔTÉ - C'EST DIFFICILE DE DEVINER LA TRAJECTOIRE DEPUIS LE SOL. ENFIN BREF, J'AI VU UN TIR DE LA DÉFENSE ANTIAÉRIENNE DÉTRUIRE LE PROJECTILE.

COMME D'HABITUDE, LE LENDEMAIN MATIN, UN FLASH RADIO A ANNONCÉ LE NOMBRE DE BUILDINGS DÉTRUITS ET DE VICTIMES... LA NUIT DERNIÈRE A BATTU LE RECORD JUSQU'À CE JOUR, AVEC PLUS DE 600 RAIDS DE L'OTAN... LE PLUS DRÔLE, C'EST QU'AVEC TOUT ÇA, LA PLUPART DES GENS N'ONT MÊME PAS REMARQUÉ LE TREMBLEMENT DE TERRE QUI A SECOUÉ LE SOL SERBE !

lismo e a verosimilhança se cruzam, sem que nenhum dos dois domine, assegurando que a memória é um modo de ver e recordar que cada indivíduo desempenha de modo único. Chamemos-lhe o ar do tempo, traduzindo os franceses de modo literal, porque foi isso que Constantin Guys registou como poucos. E não foram apenas os boulevards parisienses que o pintor captou em desenhos e vinhetas; durante a Guerra da Crimeia, Guys foi correspondente de jornais franceses e ingleses, enviando diariamente, e com as condições que a época permitia para esse trabalho, imagens do que se passava nas frentes de batalha. Se a ideia de reportagem ganha nestes trabalhos uma força inegável, com o gesto do repórter de guerra a assomar em pé de igualdade com o do pintor, não é menos verdade que também as suas vinhetas de ambientes pacíficos como os já referidos cafés ou avenidas parisienses encontram na reportagem o terreno que lhes completa o sentido.



Joe Sacco, *Palestina – Uma nação ocupada* (Mundo Fantasma/ MaisBD/Devir, 2004)

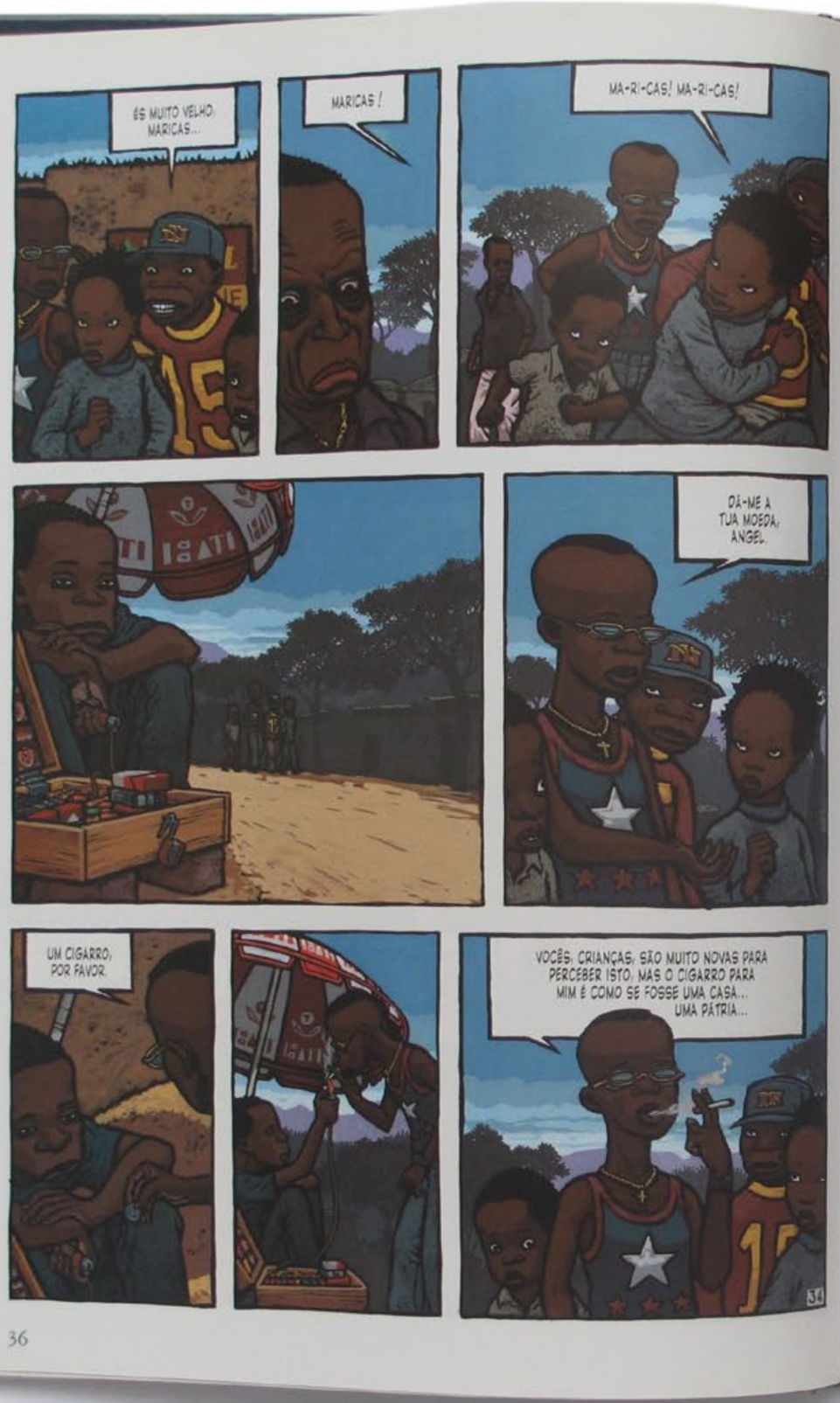


Aleksandar Zograf, *Bons Baiseurs de Serbie* (L'Association, 2000)

A SENDA DE CONSTANTIN GUYS e de tantos autores dedicados ao registo do seu olhar e à anotação do que à sua volta se passa, a banda desenhada mais recente tem acolhido trabalhos que encontram na genealogia da reportagem o seu lugar mais apropriado. Entre as vinhetas de Guys na Guerra da Crimeia, os instantâneos de Jacob August Riis ou as pranchas de Joe Sacco nos territórios ocupados da Palestina, não é apenas o uso da imagem como elemento estrutural na configuração de sentidos que se vislumbra como elo comum. A voracidade de encontrar e apresentar uma narrativa, a preocupação com as regras deontológicas e a escolha de um ponto de vista que garanta voz aos vários pontos de vista envolvidos na história narrada são igualmente elos comuns a todos estes trabalhos. Discutir se pode ser jornalismo um trabalho feito em vinhetas e tiras, ou se um fotojornalista tem mais a dizer sobre um cenário do que um repórter de imprensa, com base na frase feita que equipara uma imagem a mil palavras, ou vice-versa, com base na ideia de que são sempre necessárias muitas explicações para que um determinado cenário se torne apreensível por quem nele não está, são todas questões que podem levar a discussões frutuosas, mas que acabam por ser círculos viciosos onde o relativismo se assume como único ponto final possível. Mais produtivo é abandonar a procura do ponto final, trocando-o pelo labirinto que se oferece à leitura perante o trabalho de autores muito díspares, alguns verdadeiramente filiados na linhagem do jornalismo, outros sem nenhuma relação ou preocupação com este ofício, mas ainda assim produzindo trabalhos que cumprem aquilo que se espera de uma reportagem. Como nos melhores labirintos, a resposta importa pouco e a sua procura menos ainda, quando há tanto para ler e pensar.

Comecemos, pois, por Joe Sacco, já que é o autor mais reconhecido pelo grande público quando se trata de banda desenhada e jornalismo. Nascido em Malta, Joe Sacco vive há muitos anos nos Estados Unidos da América, desenvolvendo o seu trabalho de jornalista com recurso frequente à banda desenhada. Entre 1991 e 1992, viveu nos territórios ocupados da Palestina, recolhendo notas, entrevistando pessoas e tentando desfiar o novelo complexo do conflito Israelo-Palestiniano. O resultado desse trabalho de campo foi publicado em *Palestina* (com edições em dezenas de países e idiomas) e ajudou a consolidar nos leitores a naturalidade da receção de um trabalho jornalístico composto por vinhetas e pranchas. *Safe Area, Gorazde* (a que se sucedeu, mais tarde, *The Fixer*) já não foram novidade pelo meio escolhido pelo autor, mas ajudaram a consolidar a reputação de um repórter, desta vez nos campos da Bósnia, onde voltou a socorrer-se de todas as ferramentas ao dispôr do trabalho jornalístico para realizar reportagens essenciais para uma leitura completa do conflito dos Balcãs.

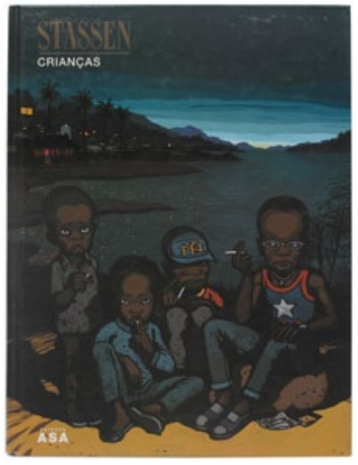
Á OUTRAS POSTURAS POSSÍveis neste gesto de narrar sem ficcionar, captando o que se passa para que outros possam captá-lo também, mesmo que à distância. Aleksandar Zograf é um exemplo eloquente de como nem só de jornalistas se faz uma reportagem, mesmo que para aceitar semelhante afirmação seja preciso questionar as fronteiras do trabalho jornalístico e discutir se o que define esse trabalho é a assinatura de alguém devidamente creditado, o cumprimento de determinadas regras ou o modo de narrar aquilo a que se assiste. Nascido na Sérvia, Aleksandar Zograf estava em casa, em Pancevo, quando o conflito nos Balcãs se tornou visível a partir da janela de sua casa e audível em qualquer uma das divisões. Enquanto as bombas da NATO destruíam a cidade, Zograf tentava proteger-se a si e à sua família, mas tentava igualmente registar o que estava a passar-se. Foi assim que nasceram as pequenas histórias sem imagens, textos repartidos por vinhetas imaginárias, que começou a enviar para amigos espalhados pelo mundo e que,


ÉS MUITO VELHO MARICAS...
MARICAS!
MA-RI-CAS! MA-RI-CAS!
DÁ-ME A TUA MOEDA, ANGEL.
UM CIGARRO, POR FAVOR.
VOCÊS, CRIANÇAS, SÃO MUITO NOVAS PARA PERCEBER ISTO, MAS O CIGARRO PARA MIM É COMO SE FOSSE UMA CASA... UMA PÁTRIA...
34

BOM DIA, CRIANÇAS. BOM DIA, AIRBUS...
BOM DIA, BLACK DOMINO. ESTÁS MUITO ZANGADO POR TE TERMOS FEITO PASSAR UMA NOITE TÃO MA?...
...PELO MENOS, RECUPERASTE O TELEFONE...
BOM DIA, MEUS PEQUENOS AMIGOS.
DÊ-NOS FRANCOS.
AH! HOJE, EU NÃO TER DINHEIRO, EU POBRE.
E COMO VAI O BLACK DOMINO?
TUDO BEM.
35

mais tarde, reconstruiu a partir de fragmentos, desenhos e a sua memória. *Bulletins from Serbia* (Slab-O-Concrete, 1999; posteriormente publicado em várias línguas e versões mais amplas) reúne esses trabalhos, permitindo que os leitores acedam a um dos cenário da guerra nos Balcãs a partir do relato, escrito e desenhado, de uma testemunha privilegiada no que ao ângulo de observação diz respeito, mesmo que seja uma testemunha diretamente implicada na narrativa – e esse facto é o que mais distingue Zograf de um repórter, sendo um facto consideravelmente importante para uma discussão mais alargada sobre os limites do jornalismo e as peculiaridades da reportagem. De qualquer modo, as tiras de Zograf são um relato particularmente interessante dos bombardeamentos de Pancevo, dando-nos a ler/ver tanto o que se passa nas ruas à medida que as bombas vão caindo como o que se passa dentro de casa, com uma família a não saber está a viver o fim dos seus dias ou a testemunhar um momento que terá, mais tarde, oportunidade de partilhar com quem ali não esteve.

Exemplo recente de como a banda desenhada pode ser veículo perfeitamente adaptado às necessidades narrativas de uma reportagem é o livro de Matheu Sapin, *Campagne Présidentielle* (Dargaud), em que o autor acompanha o candidato François Hollande durante duzentos dias da campanha eleitoral que o levaria à presidência da república de França. Num registo visual que cruza os pormenores realistas com o traço caricatural, Sapin dá a ver os bastidores da política francesa assumindo claramente a missão de um repórter. Reuniões de campanha, encontros formais, comícios, discussões sobre o melhor modo de fazer passar uma mensagem, tudo é registado sem subterfúgios aparentes, produzindo um texto que, se não acrescenta inovações ou ruturas àquilo que já se conhecia do trabalho de Mathieu Sapin, não deixa de ser um documento muito válido para a memória futura da campanha de François Hollande. Tal como Aleksandar Zograf, Sapin não é jornalista e esse aparente pormenor ganha presença quando se percebe, entre uma e outra vinheta, algum comentário de carácter pessoal, ou um ângulo que não se define pela imparcialidade. Não quer isto dizer que *Campagne Présidentielle* não seja um trabalho de reportagem, tanto mais válido quanto não é comum alguém ter acesso quase permanente durante um período temporal tão grande a uma figura com o impacto público de Hollande. Podemos debater-nos com a dúvida sobre se teríamos um documento mais rigoroso e imparcial se em vez de Mathieu Sapin o *staff* de Hollande tivesse aceite a presença de um jornalista. Mas podemos, por outro lado, discutir se um jornalista é capaz de cumprir em todas as ocasiões e de todas as formas a regra da imparcialidade, o que nos leva a uma questão muito mais interessante no que à leitura do jornalismo diz respeito, e que é a de sabermos se a imparcialidade apresentada enquanto valor absoluto e entendida enquanto anulação total do indivíduo que olha e narra (da sua bagagem social e cultural, do seu modo particular



Jean-Phlippe Stassen, *Crianças* (Asa, 2004)

Ricardo Cabral, *Israel Sketchbook* (Asa, 2009)

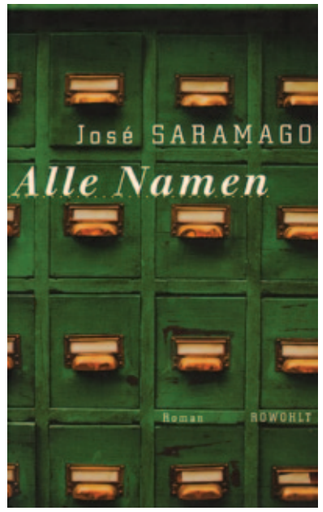
de ver, daquilo que sabe relativamente à situação que está a acompanhar, etc) é aquilo que realmente se deseja quando se fala de jornalismo, ou se a imparcialidade não será, antes, um valor primordial que deve ser cumprido, claro, mas sempre tendo em conta que é um indivíduo, e não uma máquina registadora, que nos dá conta de um determinado facto – o que talvez explique por que é que preferimos ler um repórter em vez de outro, ou assistir às notícias num canal de televisão e não no outro.

MAIS DO QUE CONSTATAR uma certa originalidade, ou enfrentar a estranheza de ler/ver jornalismo sob as muitas formas e composições que a banda desenhada permite, acompanhar a produção de banda desenhada contemporânea que se cruza com os territórios da reportagem jornalística permite olhar para a reportagem de um modo mais amplo, regressando às suas origens e procurando a essência deste género jornalístico longe de fórmulas rígidas. O olhar atento à natureza humana que Josh Neufeld assume em *A.D.: New Orleans After the Deluge*, sobre a passagem do furacão Katrina por New Orleans, a ficção baseada em factos reais de Jean Philippe Stassen sobre o banditismo e a pobreza, em *Crianças*, o registo próximo de um diário de viagem que Ricardo Cabral utiliza em I*srael Sketcbook* ou o ângulo descontraído, quase a tocar a abordagem televisiva de certas reportagens de entretenimento, que Christophe Blain adota em *En Cuisine Avec Alain Passard*, confirmam a pluralidade temática e de registo. Ler estes e outros livros pode deixar no ar a dúvida sobre se o trabalho foi feito com o rigor necessário e o cumprimento acertado da deontologia que se espera. Por outro lado, ler a imprensa diária também pode suscitar essa dúvida. Nivelar tudo pelo patamar mais raso não será a solução, nem ignorar que o jornalismo é uma profissão que deve ser exercida por profissionais e, sobretudo, por profissionais que obedeçam a uma deontologia e a um conjunto de regras sem as quais já não podemos falar de jornalismo. Mas repensar as fronteiras daquilo que entendemos por reportagem, recuando à sua genealogia e procurando perceber modos e gestos plurais por entre as suas possibilidades, tem o potencial de questionar as formas possíveis de ler o mundo. Se isso não for um desafio, e ao mesmo tempo uma responsabilidade, que outra coisa poderá ser?

de relance

Alle Namen

O trabalhador de um cartório e a sua coleção de registos estão no centro da narrativa de *Todos os Nomes*, o romance que José Saramago publicou em 1997. Para a capa da edição alemã, *Alle Namen* (Rowohlt), o designer Walter Hellmann utilizou a fotografia de um arquivo de madeira, com pequenas gavetas e um espaço para a identificação do seu conteúdo, numa alusão direta à função arquivística que um cartório também tem. segundo explicou à *Blimunda*, "a imagem foi o resultado de várias horas de procura em arquivos fotográficos, mas a decisão final só se alcançou após uma escolha feita pela editora e pelos responsáveis do marketing, que se decidiram por esta versão entre as seis que lhes apresentei".



A disposição dos elementos tipográficos que compõem o título e o autor oferece uma espécie de ilusão de ótica, proporcionada pela inclinação das linhas do arquivo cuja imagem estrutura a capa e pelo acompanhar dessa inclinação. No entanto, as palavras estão perfeitamente alinhadas com o retângulo que define a área da capa, instalando a inquietação antes mesmo de se iniciar a leitura de um romance que suscita, ele próprio, essa sensação. sobre a escolha das fontes e a sua disposição, Hellmann diz o seguinte: "A minha ideia original para a tipografia desta capa era alcançar aquele aspeto *old fashion*, mas com um toque de modernidade. As fontes foram, por isso, escolhidas de modo intuitivo, seguindo o instinto do gosto e procurando a harmonia entre os diferentes tipos usados, Bertold City para o nome do autor e da editora, Walbaum Bold em itálico para o título." Neste processo não houve grande interferência do editor, que apenas pediu que o nome do autor tivesse um destaque percetível. Mas importa devolver a palavra a Hellmann para se perceber a mudança operada nos últimos anos relativamente ao modo como as editoras se relacionam com o trabalho dos designers: "Como já expliquei, a escolha da fotografia e das fontes, bem como da 'arrumação' dos elementos da capa, foi o resultado das minhas propostas. A editora só recomendou que a capa não fosse demasiado 'intelectual' ou 'narrativa'. Nessa altura, em 1999, a Rowohlt Publishers não tinha um logótipo fixo que tivesse de ser colocado em algum lugar definido da capa e também não havia uma regra que definisse o aspeto e a linha gráfica das capas para uma determinada temporada. Entretanto, o tempo passou e quase todas as editoras têm regras específicas sobre o design da sua empresa e sobre as suas expectativas relativamente ao marketing e às vendas. Não estou certo de que essas regras ajudem realmente a uma melhor colocação dos livros nas livrarias ou às suas vendas. Na minha opinião, estas regras tão apertadas de muitas editoras e dos seus responsáveis de marketing acabam por ser mais o resultado de um desejo ilusório do que baseadas em factos." Seria, talvez, a altura certa para voltar a dar a palavra aos designers com mais frequência? Fica a proposta de reflexão.

(QUASE) TUDO É, AINDA, POSSÍVEL

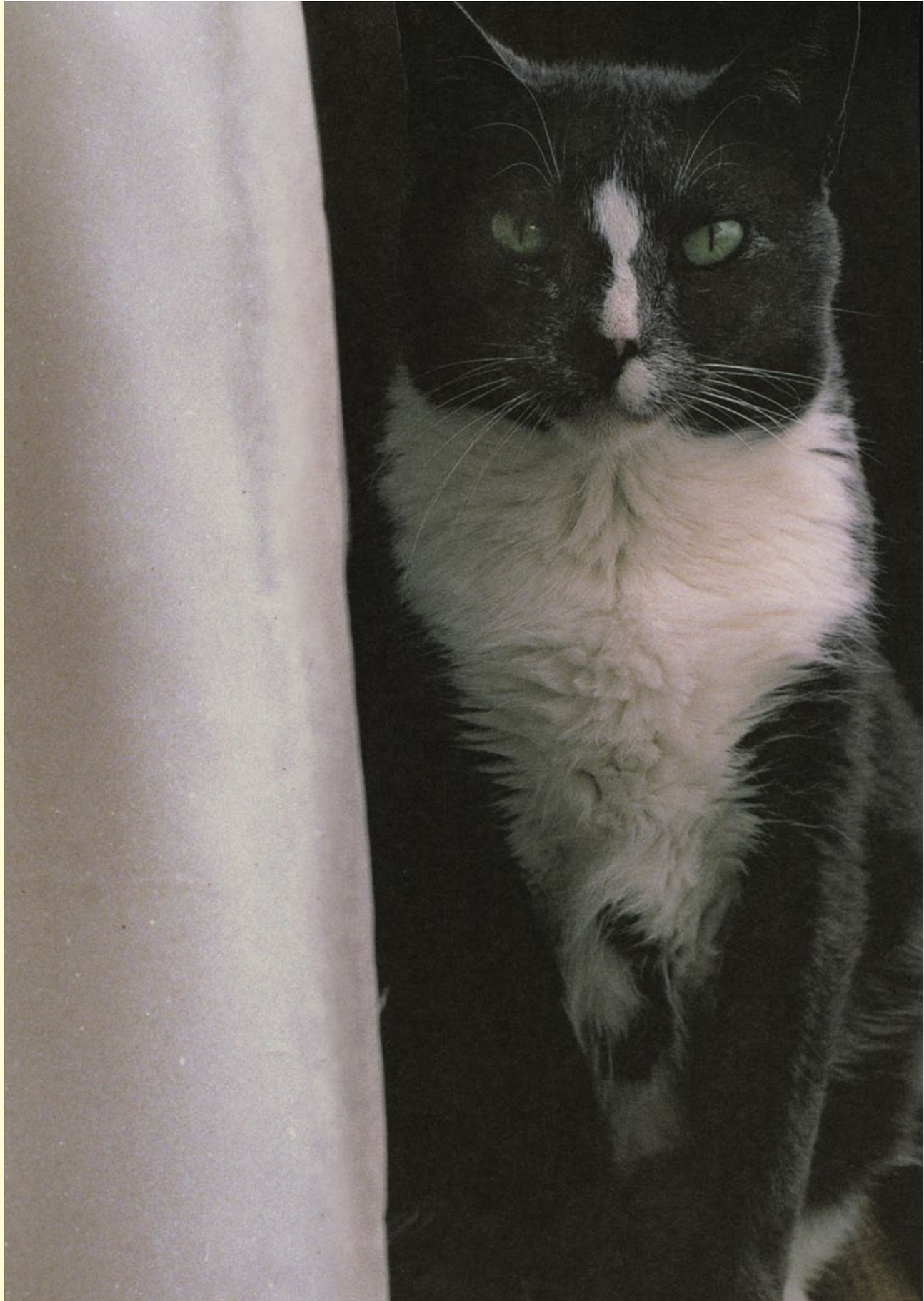
Andreia Brites
Fotografias de Luísa Ferreira

Em janeiro, apareceram dois gatos por aqui. Gatuno, de "O Livro dos Quintais", e o Gato Letrado, uma coleção sobre promoção da leitura da editora brasileira Pulo do Gato. Mero acaso, neste reinício, a que rapidamente passa o cheiro a novo quando os dias se começam a repetir e o tempo a passar. Por isso oferecemos leituras sobre possibilidades, e possibilidades de fazer melhores leitores, esperar e ter esperança. Porque o tempo do futuro não se faz sem passado, abrimos com um poema de Manuel António Pina que está num livro para adultos, mas também é possível que seja para crianças. Para alimentar o acaso, sobre Gatos.

Uma Prosa Sobre os Meus Gatos

Perguntaram-me um dia destes
ao telefone
por que não escrevia
poesia (ao menos um poema)
sobre os meus gatos;
mas quem se interessaria
pelos meus gatos,
cuja única evidência
é serem meus (digamos assim)
e serem gatos
(coisa vasta, mas que acontece
a todos os da sua espécie)?
Este poderia
(talvez) ser um tema
(talvez até um tema nobre),
mas um tema não chega para um poema
nem sequer para um poema sobre;
porque é o poema o tema,
forma apenas.
Depois, os meus gatos
escapam de mais à poesia,
ou de menos, o que vai dar ao mesmo,
são muito longe
ou muito perto,
e o poema precisa do tempo certo
de onde possa, como o gato, dar o salto;
o poema que fizesse
faria deles gatos abstractos,
literários, gatos-palavras,
desprezível comércio de que não me orgulharia
(embora a eles tanto lhes desse).
Por fim, não existem «os meus gatos»,
existem uns tantos gatos-gatos,
um gato, outro gato, outro gato,
que por um expediente singular
(que, aliás, também absolutamente lhes
desinteressa)
me é dado nomear e adjectivar,
isto é, ocultar,
tendo assim uns gatos em minha casa
e outros na minha cabeça.
Ora só os da cabeça alcançaria
(se alcançasse) o duvidoso processo da poesia.
Fiquei-me por isso por uma prosa,
E mesmo assim excessivamente corrida e judiciosa.

Manuel António Pina, *In Nenhuma Palavra e Nenhuma Lembrança*, Assírio e Alvim, 1999, pp. 48, 49
As fotografias da Luísa Ferreira foram publicadas em *Manuel António Pina, o refúgio da Poesia*, revista *LER* n.º 68, em 2006



COLEÇÃO GATO LETRADO

Em defesa do leitor

Andreia Brites

A coleção Gato Letrado é uma fonte privilegiada onde os mediadores podem ir beber. O curriculum dos escritores ajuda, mas o aspeto mais relevante desta coleção da editora brasileira Pulo do Gato é que os seus textos não são instrutivos, alguns serão até pouco óbvios para quem procura estratégias para aplicar no terreno.

Ainda bem. O mediador, especialmente o profissional, mas não só, tem de se afastar do seu universo e ler, o que se aplica tão seriamente ao texto literário como à teoria sobre leitura, promoção, educação, literatura. Não o fazendo, corre um risco muito sério de se deixar instrumentalizar por estratégias e ferramentas restritivas, que limitarão o mundo dos seus leitores.

Dar a ler requer uma prática continuada de leitura crítica, pensante. É isso que os seis livros que já foram editados oferecem.

Lançados coletivamente em 2012, contam com nomes maiores da promoção da leitura: duas colombianas, Sílvia Castrillon e Yolanda Reyes, duas argentinas, Maria Teresa Andruetto e Cecília Bajour, um mexicano, Daniel Goldin e uma brasileira, Marina Colassanti compõem o catálogo que se faz, essencialmente, de comunicações apresentadas em Congressos, Encontros e Feiras do Livro. Cada livro é prefaciado por um autor brasileiro de qualidade, como Ana Maria Machado, Bartolomeu Campos de Queirós ou a própria Marina Colassanti. É uma forma de fazer chegar ao Brasil um conjunto de vozes essenciais, e dar início a um compromisso da editora: fazer livros para crianças e jovens leitores e livros para formadores de crianças e jovens leitores.

Há sempre uma espécie de magia numa história bem contada. Marina Colassanti, para além de o saber dizer, também o sabe escrever, como comprova a sua vasta e premiada obra. Quando a história é biográfica e narrada com aquele efeito de sinceridade, a emoção do leitor é quase certa. A juntar a tudo isto, a curiosidade de saber como se chega a um determinado lugar. A história que Colassanti partilha é a da sua construção leitora, juntando aos livros que leu, as metáforas e os símbolos que pretendem significar os seus efeitos e que traduzem, para além disso, a subjetividade e singularidade da própria literatura. Depois de *Como se fizesse um cavalo*, discorrer sobre mecanismos e artificialidades do mercado traça um paralelo perfeito entre o bom e o mau.

Também o editor Daniel Goldin começa, no ensaio "Os Dias e os Livros", que dá nome ao livro, por narrar a sua experiência de construção leitora: dos tempos em que o distante pai lia em voz alta para os filhos à conceção da leitura como passaporte para o conhecimento e o prestígio social. Da infância à idade adulta, Goldin expõe os vários estádios por que passou, os preconceitos que alimentou e que se viu forçado a abandonar. O caminho das emoções e da aceitação da ficção como realidade fez-se desacreditando e somando novos parceiros de partilha, até chegar a uma conclusão surpreendente: as viagens que os livros nos proporcionam ultrapassam sempre as viagens reais. "Viajei para a Europa por ter lido Nietzsche, Cortázar, Breton. Ao chegar a Paris, a cidade já me parecia conhecida. Havia chegado antes com os livros. Mas nunca se cumpriu o que eu esperava ao lê-los. De fato, poucas vezes as promessas foram cumpridas, as portas foram transpostas ou o cofre me permitiu chegar ao verdadeiro tesouro. E, ainda assim, quando o consegui, a completude foi efêmera. A dimensão que os livros iluminam é a da incompletude e da promessa de acalmá-la. A armadilha que nos colocam é que só se pode chegar com sua própria matéria, a linguagem."

Grande parte da obra é dedicada à formação de leitores, questionando as supostas relações de causa-efeito entre leitor e livro, entre escola e leitor, entre leitor e família.

Sobre a mediação entre pais e filhos, em "A Paternidade e os Livros: divagações sobre a hospitalidade da leitura", Goldin reitera a impossibilidade de uma identificação perfeita entre os mediadores pais e os leitores filhos, que leem o mesmo texto mas que o sentem de formas diferentes, que se tocam, mas nunca se abraçam. A voz do adulto chega a funcionar como duplo, porque é a voz de alguém querido pela criança e ao mesmo tempo a voz da história, não se distinguindo em grau de importância.

A construção do leitor é sempre distinta, não apenas em relação aos outros leitores, com memórias diferentes, relações sociais e afetivas várias, mas também em relação a si próprio, no tempo. Por isso, o editor destaca uma dimensão histórica, temporal, na formação de leitores, e diagnostica a necessidade de se encontrarem, simultaneamente, elementos de continuidade, ao longo da tradição escrita e oral que terá tido e continuará a ter efeito na construção identitária das crianças. "Para pensar na formação de leitores como processo não falta somente definir a trama de continuidades entre os campos biológicos e culturais, psíquicos e sociais. É preciso também descobrir recortes em que, superficialmente, vemos continuidades."

No livro *Por uma Literatura sem Adjetivos*, a escritora Maria Teresa Andruetto debruça-se sobre questões relacionadas com a literatura dita infantil e juvenil, a escrita, o mercado editorial, a escola, o cânone. A sua experiência confere a cada uma das comunicações (proferidas em seminários, feiras do livro e encontros de especialistas) uma subjetividade enriquecedora, que ultrapassa o mero sentido impressivo e serve de base a todas as suas reflexões teóricas e diálogos com outros pensadores, filósofos e escritores.

No ensaio "Algumas questões em torno do cânone", a autora (que foi distinguida com o Prémio Hans Christian Andersen, em 2012) traça uma análise muito acurada sobre o sentido do cânone. Se o entende como uma resistência ao mercado dos livros efémeros e sem qualidade, recusa terminantemente o seu valor absoluto considerando-o falacioso, limitativo da experiência leitora de cada um, e perigoso, já que funciona como controlo social.

"Não se trata exatamente dos melhores livros, mas daqueles que nos disparam uma flecha que, como o amor, como o amado, não atinge todos igualmente. Não entesouramos o livro mais bem escrito, mas aquele que, possuidor de um punc-

tum que o aloja em nossa memória, continua nos questionando acerca de nós mesmos."

Parte da ideia dinâmica de que para haver cânone é necessário que existam livros fora dele e de que essa dialética não é estática, alterando-se em função do tempo, dos agentes mediadores, e dessa, por vezes terrível, ação do mercado.

Para o explicitar, partilha a experiência sobre o seu contributo para a construção de um campus literário, na Argentina pós ditadura e os inevitáveis erros de juízo que cometeu.

"O que, a nosso ver, era então recomendável e, quase sem exceção, o que perdurou dos anos 1980 até nossos dias, nós o canonizamos (refiro-me ao conjunto de instituições, publicações, congressos e editoras que surgiram naquela época) em nossos cursos, seminários, campanhas de leitura, revistas, reconhecimentos públicos e resenhas. (...) muitas vezes, não soubemos distinguir – entre os inúmeros livros editados que chegaram mais tarde – os que podiam nos revelar algo sobre nós mesmos de outros que eram puro papel inútil, letra impressa incapaz de dizer qualquer coisa."

Chama ainda a atenção para o destaque que as editoras dão aos autores e as formas como os vendem, como produto de marketing, aos principais agentes compradores: as escolas, e como esse fenómeno desvia a leitura do livro para o substituir por figuras que o representam, é certo, mas que em última análise podem não levar à leitura.

Importante, e tese recorrente ao longo dos doze ensaios, é que a literatura infantil não deve ser pensada em função do destinatário e apenas como literatura. Assim deve ser o ofício do escritor: uma busca da sua voz, da sua unicidade, e não um preenchimento de espaços dentro do que se pressupõe correto. A literatura, toda ela, deve ser singular, sem obedecer a adjetivos que a cataloguem e limitem. Sobre a receção, haverá boas surpresas.

Também Cecilia Bajour reflete sobre a questão do cânone, do ponto de vista da sua construção. Como se tecem relações entre o tradicional e o contemporâneo, como se ultrapassam fronteiras geográficas ou ainda, como pode cada mediador conceber um cânone que materialize uma ideia individual de literatura infantil e de cultura da infância.

Também a promoção da leitura em contexto escolar merece a sua atenção crítica e uma proposta de recolocar as atividades de leitura livre, pensadas para formar leitores pensantes, ao serviço da própria aprendizagem da leitura.

Ao contrário de Andruetto, esta crítica literária e mediadora tem um estilo discursivo mais prático, recorrendo menos a argumentações de âmbito filosófico e mais a exemplos de experiências ou situações vivenciadas em contexto de promoção da leitura.

"Ouvir nas Entrelinhas, o valor da escuta nas práticas de leitura", ensaio inaugural do livro com o mesmo nome, é um bom exemplo. Aqui, Cecília Bajour defende a partilha social da leitura, a sua interpretação coletiva como arma para o alargamento da própria leitura. Para o mediador, a responsabilidade é grande: em primeiro lugar, obriga a uma seleção de leituras acutilantes, depois a uma capacidade para despoletar juízos, silêncios, dúvidas, emoções, prazer e rejeição, sem nunca ceder à tentação de fechar sentidos apenas porque tal lhe parece apaziguador, finalmente a saber ler nos leitores os seus sinais. "Além de aprender a escutar os silêncios dos textos e colocá-los em jogo nas experiências de leitura, os mediadores podem aguçar o ouvido aos modos particulares que os leitores têm de se expressar e de fazer hipóteses sobre seus achados artísticos."

Quer o livro de Silvia Castrillon quer o assinado por Yolanda Reyes dialogam e complementam a linha de pensamento de Cecília Bajour.

A defesa política da leitura pública e das bibliotecas, assim como a da formação de bibliotecários, é um dos temas centrais de *O Direito a Ler e a Escrever*. Especialista na área da promoção da leitura (atualmente preside à Associação Colombiana de Leitura e Escrita), Sílvia Castrillon aponta ainda o dedo ao ensino, aos preconceitos e metodologias instaladas, pugnando, por exemplo, pela revalorização da escrita, apagada pela leitura, que, ainda assim, não floresce tanto ou tão bem como poderia.

Neste sentido caminha também Yolanda Reyes, ao centrar os seus quatro ensaios no processo de escrita e no ensino. A promotora de leitura, fundadora e diretora do Instituto Espantapájaros, aponta o dedo à frágil relação entre a produção textual das crianças, demasiado dependente das estruturas linguísticas, e a leitura, especialmente a literária. Critica a objetivação escolar da literatura, a assunção de um sentido único e correto para a interpretação e apela à recuperação de uma ideia subjetiva, construtiva, singular, da própria linguagem artística. No ensaio "Ler e brincar, tecer e cantar: apontamentos a partir de oficina de criação literária", a mediadora apresenta os vários momentos que desenvolveu numa oficina de criação literária: primeiro, ajudar os participantes a encontrarem a sua própria matéria de escrita, depois dispô-la e contextualizá-la, finalmente, dotá-la de um sentido literário. Não será aleatória a proximidade entre os momentos que Reyes destaca e os grandes eixos retóricos da composição literária. Todavia, o que a autora pretende destacar é sobretudo a necessidade de ajudar cada um a encontrar-se e a dificuldade que o potencial escritor, adulto ou criança, tem em levar para o texto a sua formação literária e uma capacidade de brincar, de imaginar, de se permitir sentir fora dos grilhões próprios do sistema linguístico. Falta, no ensino, esta amplitude: "(...) temos de pedir à escola (...) tudo o que se negou a tantos escritores durante tantas gerações de analfabetismo funcional. Se essa ferramenta que é a língua e se essa "educação sentimental" que se nutre da herança literária – da herança simbólica de nossa espécie humana – se fomentasse em nossas escolas desde a mais tenra infância, estou certa de que teríamos mais possibilidade para explorar a própria possibilidade nas oficinas de escrita."

A sua mensagem fica muito clara no capítulo seguinte, "Escrever para os Jovens na Colômbia", quando explicita a urgência de escrever sobre um quotidiano cruel e violento e deixa testemunhos e situações reais que impressionam quem os lê. "(...) talvez, ao oferecer o que ler, possamos dar a cada criança, para que cada um monte – sabe-se lá de que textos cada um necessita – uma caixa de ferramentas que a ajude na tarefa de inventar a sua própria vida, entre o dado e o possível. (E, quem sabe, com algo de impossível, com algo de utopia.)"

Uma leitura comparativa dos livros que integram a coleção permite ao leitor encontrar muitos pontos de consenso, e nenhum (pelo menos relevante) de discórdia. A proximidade destes mediadores, escritores, editores, com o público, um vasto conhecimento teórico sobre literatura (e não exclusivamente sobre literatura infantil e juvenil) e um olhar crítico sobre a história e o presente dos seus países, fá-los defender alguns pontos essenciais para a leitura e a formação leitora: a literatura é uma fonte de subjetividade criativa, um ato singular, e a leitura dialoga com o texto na mesma medida; a escola não pode instrumentalizar a leitura e a escrita em função de relações de causa-efeito limitadas a meras estruturas sintáticas e morfológicas ou a uma tradição literária simplificada e redutora, mal concebida por manuais e dicionários escolares. Partilhar leituras, ler em voz alta, falar sobre o que se lê, escrever para alimentar a imaginação e, numa estreita ligação, conhecermo-nos, conhecermos o mundo e alcançarmos essa magia dinâmica do devir da literatura.

Silvia Castrillon
O Direito de Ler e de Escrever

Marina Colassanti
Como se fizesse um cavalo

Daniel Goldin
Os Dias e os Livros – Divagações sobre a Hospitalidade da Leitura

Cecília Bajour
Ouvir nas Entrelinhas – O Valor da Escuta nas Práticas de Leitura

Yolanda Reyes
Ler e Brincar, Tecer e Cantar – Literatura, Escrita e Educação

Maria Teresa Andruetto
Por uma Literatura sem Adjetivos

4 ÁLBUNS DOS PLANETA TANGERINA

O Tempo como Possibilidade

Andreia Brites

É sabido que os adultos se recordam dos seus tempos de infância como tempos mais lentos, em que as férias eram imensas, e qualquer bom momento parecia durar para sempre. Tudo era medido pelo prazer, e tudo se fazia para o alcançar e manter. O maior pesadelo: parar para tomar banho, jantar, dormir. Na infância não se alimentam impossibilidades, porque tudo é possível e a realidade e o sonho caminham muito juntos.

Nos livros da editora portuguesa Planeta Tangerina, o tempo marca uma forte presença. É agente e às vezes até protagonista da ação. Diacronia, mas também sincronia são os eixos principais da abordagem que traz para o álbum infantil uma perspetiva que aproxima adultos e crianças: a de que o tempo é um mundo de possibilidades.

O Livro dos Quintais, que integra a trilogia Histórias Paralelas, narra o quotidiano de um quarteirão, visto pelos quintais contíguos, ao longo dos doze meses do ano. A duas vozes, relatam-se episódios da vida dos seus habitantes, e a rotina do gato Gatuno. Diacronia e sincronia estão entrelaçadas, não apenas pelas duas narrativas, como pela relação de simultaneidade que se estabelece entre as ações dos moradores daqueles quintais.

De forma mais ou menos explícita, muito do que acontece é condicionado pela época do ano: as flores do Sr. Catarino e a horta da D. Otília, as brincadeiras das crianças, as roupas estendidas, as limpezas grandes, a sardinhada, os dias de piscina, as pequenas obras de manutenção, as decorações de Natal... Também Gatuno tem os seus rituais: apanhar sol nos meses frios e escolher uma boa sombra nos meses quentes. E das rotinas nascem mudanças, que o texto assinala enriquecendo o passar do tempo com uma vizinha nova que introduz as meninas Lopes na arte do yoga, um repuxo no jardim do Sr. Inácio, uma bicicleta com dois lugares... São novas possibilidades, novas continuidades e, a fechar, uma surpresa. Elege-se o aparentemente insignificante para dar sentido à vida e substituem-se os grandes feitos pelos pequenos nadas que, como as brincadeiras das crianças, constroem a nossa biografia, a nossa história, a nossa felicidade.

O mesmo acontece em *Praia Mar*, o segundo álbum sem texto que Bernardo Carvalho dedica à praia e que acompanha os banhistas, enquanto a maré enche. Três planos gerais apresentam o espaço e as suas alterações, funcionando como enquadramento e dando a conhecer o estádio em que a praia se encontra. Ali estão as personagens, que depois serão seguidas, mais de perto, em planos médios ou grandes planos. Há quem chegue, quem estenda toalhas, quem procure bivalves escondidos na areia molhada, e depois na areia coberta de mar; outros trepam às rochas que servirão de prancha de mergulho quando a maré subir. Chapinha-se nas poças e espera-se, para ver a onda chegar e molhar o corpo. Depois nada-se, observam-se peixes, lê-se com os pés dentro de água.

Nesse tempo, inúmeras hipóteses se oferecem, repetindo gestos ou experimentando outros. Mais uma vez o tema liga o leitor ao quotidiano de uma experiência comum e recoloca-o no epicentro de todas as sensações, as que já viveu e as que apenas imagina, como possibilidade. A simultaneidade de comportamentos na praia e a mudança que se vai operando servem, uma vez mais, como expansão da relação entre a experiência individual vivida e o infinito de vidas que um livro também abre, apenas no seu tempo de leitura.

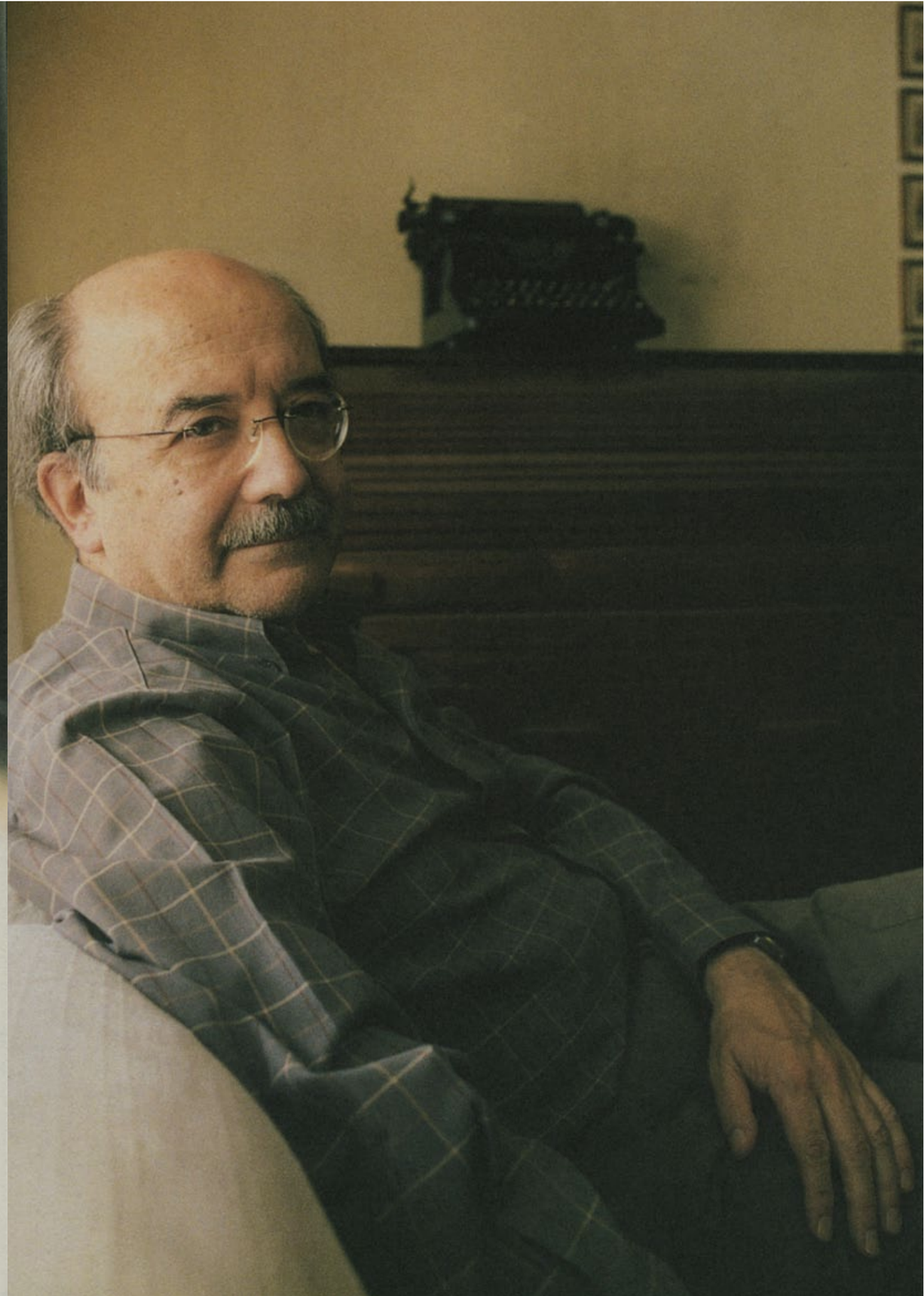
Um Livro Para Todos os Dias será o mais emblemático no que concerne às possibilidades no tempo. Um conjunto de oposições sucede-se a partir de expressões linguísticas comuns no discurso quotidiano sobre o valor dos dias. Esta medida de tempo, sempre igual, abarca todo o tipo de emoções, em resultado de todo o tipo de acontecimentos ou vontades, das mais banais e exequíveis, às mais existenciais, éticas, políticas, nivelando-as por igual. "Há dias em que precisamos de um café. E dias em que precisamos de um abraço." Também as ilustrações operam um diálogo desviante com o texto, literalizando sentidos figurados e, inversamente, adensando semanticamente meras denotações. Assim se apagam as fronteiras sobre os limites da ação de cada um e se alargam, até como desafio, as possibilidades sobre os dias. O próprio título assim o sugere.

Já *O Mundo Num Segundo* explora a ideia de sincronia. Respondendo ao mote 'O que pode acontecer, em simultâneo, num segundo?', Isabel Minhós Martins volta ao recurso enumerativo para enunciar, com a contenção que lhe era mais característica nos primeiros livros, diversas situações que acontecem ao mesmo tempo, num segundo, nos dois hemisférios do globo. Mais uma vez, a diversidade de situações não se esgota, e não é essa claramente a intenção do álbum. Pelo contrário, o que cada momento propõe é uma situação amplamente diferente da anterior, jogando com a geografia e a dimensão do acontecimento: um vulcão que entra em erupção e uma laranja que cai têm o mesmo peso, mesmo que no primeiro caso tudo esteja a começar e no segundo a ação esteja concluída, sem danos colaterais (pelo que nos é dado ler no texto e nas imagens).

Ao negar a continuidade, cada quadro apresenta-se suspenso: o leitor não saberá se a bola vai partir o vidro, se o ladrão chega a sua casa, ou se a mulher que fecha os olhos para dormir dormirá, ou até morrerá. Um segundo mostra-se imenso, impossível de reter porque acontece ao mesmo tempo em milhões de lugares, a biliões de pessoas, em espaços sem ninguém... Se é, por um lado, inapreensível na sua totalidade, é igualmente ínfimo, diminuto, incompleto. A sincronia do segundo transforma a curiosidade pelo outro numa curiosidade maior, que reclama duração.

Assim é, em suma, a tensão permanente com o tempo. Na sua abstração e na sua infinitude, o tempo condiciona-nos, quer por nos limitar, quer por nos abrir possibilidades que nunca vamos conseguir alcançar. Sem almejar a dissertações filosóficas, estes livros têm em comum, para além de uma noção rigorosa sobre o conceito, uma intenção que subjaz a grande parte da obra da editora: a eleição do insignificante, do irrisório, do ordinário como epicentro de ação, sensação ou emoção. Reaproximar o leitor do seu quotidiano, valorizá-lo, permite reler o mundo a partir da memória e da biografia de cada um, e transforma a ideia de tempo enquanto entidade exterior e intangível numa ideia de possibilidade subjetiva. O tempo, como os dias, somos nós que o fazemos, ao contarmos a sua e nossa história.

O Livro dos Quintais
Isabel Minhós Martins, Bernardo Carvalho, Planeta Tangerina, 2010
Praia Mar
Bernardo Carvalho, Planeta Tangerina, 2011
Um Livro Para Todos os Dias
Isabel Minhós Martins, Bernardo Carvalho, Planeta Tangerina, 2004 (1ª edição), 2012 (4ª edição revista)
O Mundo num Segundo
Isabel Minhós Martins, Bernardo Carvalho, Planeta Tangerina, 2008



Esperar e ter esperança

DAVIDE CALI É UM ESCRITOR PROFÍCUO e versátil. Tem o dom da economia discursiva, da contenção e da suspensão. Domina a retórica da repetição enunciativa, da anáfora à estrutura narrativa e cria, com a mesma aparente leveza, situações de comédia e de drama. Os seus livros denotam uma observação detalhada do comportamento humano, seja ele individual ou coletivo. O universo do quotidiano convive com o da fábula, tão bem como os adultos protagonistas convivem com as crianças, ou os animais, ou os objetos protagonistas. Do insignificante aos grandes temas existenciais, tudo pode ser matéria para a escrita do autor suíço.

Arturo tem tudo isso, e ainda um efeito emocional impossível de ignorar. Não é arrebatador, como *Eu Espero*, mas obedece ao mesmo princípio irónico da contingência da vida. Ora tudo se repete, ora tudo se altera.

Arturo sofre com o desaparecimento de um ente querido. Onde pode estar? No álbum sucedem-se as hipóteses de busca, e a frustração do protagonista, por nunca ter sucesso. Não fora um álbum, isto é, não tivesse a imagem, e nunca saberíamos quem é Arturo. Suspeitaríamos de que seria uma pessoa, incansavelmente à procura de outra. Pelo monólogo, identificam-se as marcas: "Pensei perguntar à senhora onde compras sempre o pão se ela te tinha visto. Não tinha.", ou mais à frente "Estou muito preocupado."

Pela capa e pelas fotografias que preenchem a totalidade das páginas da direita, sabemos ainda sem ler que Arturo é um cão. E a leitura do texto fica imediatamente condicionada por esta alteração do que se considera ser a realidade. O jogo nasce da inversão de papéis: é o cão quem procura o dono, recorrendo a todas as estratégias comuns a quem tenta encontrar um animal perdido.

As fotografias a cores de Ninamasina colocam um pequeno cão de lã, com olhos castanhos de feltro em todos os ambientes de que o texto fala: o parque, a montra da pastelaria, a mesa do café, a janela de casa. Assim se reforça a desconstrução das fronteiras entre a realidade e o imaginário pela identificação da experiência vivida. O boneco ganha a doçura e a tristeza no olhar assustado, e a afabilidade do pelo, reconfortante ao toque. Apesar da evidência, como acontece em tantas animações, animiza-se a personagem, que ultrapassa a fronteira da representação e confere ao álbum um poder emocional surpreendente.

O cão repete as rotinas do dono, percorre os seus locais preferidos, regressa a casa. A cada nova ideia, uma esperança. A cada constatação, uma angústia maior. A descrição das buscas é intercalada com perguntas retóricas, que adensam o sentido dramático da situação. O livro acaba sem um final feliz. Resta a espera, enquanto durar a esperança.

Arturo é o quinquagésimo livro de Davide Cali, e foi lançado no final de 2012, em edição original, pela portuguesa Bruaá.

Salão do Livro Infantil e Juvenil de Madrid

O SALÃO DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL de Madrid, o mais importante do género em Espanha, abriu portas pela 36.ª vez, entre 13 de dezembro e 5 de janeiro. Como tem vindo a ser um (bom) hábito, a programação privilegiou o contacto do público e dos mediadores com o livro. Passeando por entre os expositores, detendo-se no espaço das bibliotecas ou recorrendo aos livreiros presentes, os visitantes podiam facilmente ler e manusear o livro impresso. Mas não só. Também ebooks e aplicações várias foram disponibilizadas num espaço de 250 m2, destacando-se a apresentação do novo tablet da Clan, pela RTVE.

O 10.º Encontro com Ilustradores Profissionais, que decorreu na Casa del Lector, também se centrou no livro digital, nos novos paradigmas de criação e promoção da leitura e dos autores. De entre os diversos projetos digitais apresentados, constou o da editora portuguesa Pato Lógico, de André Letria, que prepara para o final de janeiro a Conferência "ABC da Edição Digital".

Ao contrário do que poderá parecer aos mais desatentos, o tema desta edição uniu na perfeição o digital ao impresso, por tudo o que a leitura tem de sensorial."A Que Sabe Este Livro?" foi o mote para ateliers plásticos e de escrita, bem como para momentos de narração oral ou de apresentação de livros e conversas com escritores e ilustradores, abarcando literatura e divulgação científica.

http://salondellibroinfantilyjuvenil.com/

Imaginaria, revista do virar do milénio

IMAGINARIA É UMA DAS REVISTAS DIGITAIS mais relevantes no universo da literatura infantil e juvenil e da promoção da leitura. Existe desde 1999 e foi criada pelos argentinos Roberto Sotelo e Eduardo Abel Gimenez, que continuam a cumprir a periodicidade quinzenal da publicação. Várias vezes distinguida com prémios na Argentina, a revista conta com artigos de fundo que podem destacar temas da literatura infantojuvenil, reflexões teóricas sobre literatura, leitura e escrita, e ainda análise de obras de autores. Maria Teresa Andruetto e Cecília Bajour são dois dos nomes que assinam alguns destes artigos. Nesta secção, *Leituras*, podemos ainda encontrar entrevistas a alguns autores essenciais, como Anthony Browne, Roberto Innocenti ou Jutta Bauer. No site da revista, à direita sucede-se a lista de secções, onde constam biografias de escritores, recensões a livros, links para artigos e revistas desta área temática, notícias, e outros tópicos. Também se pode aceder aos 310 números da revista e, mais recentemente, à sua livraria virtual, que visa dinamizar e viabilizar a própria publicação, que se deparou com problemas financeiros durante o ano de 2011.

Para receber o boletim quinzenal da Imaginaria no email, basta subscrevê-lo, na página própria do site. Para além da atualidade, esta revista oferece um património vastíssimo sobre a própria história da leitura e da literatura para crianças e jovens no virar do milénio.

http://www.imaginaria.com.ar/

O último livro de Maurice Sendak

ESTÁ QUASE A SAIR O ÚLTIMO LIVRO QUE Maurice Sendak escreveu e ilustrou antes de morrer. *My Brother's Book* tem lançamento previsto para fevereiro e a sua editora, a americana Harper Collins, já permitirá a venda online a partir de dia 2. No site da editora é possível ler a sinopse da obra, na qual Sendak presta homenagem ao irmão mais novo, cruzando amargura com amor, numa composição poética que vai beber a William Blake e a Shakespeare algumas referências. A faixa etária do leitor ideal sobe bastante, destinando-se a maiores de 13 anos. Para o confirmar, será preciso esperar mais alguns dias para ler o livro. Certo é que também o dramaturgo e argumentista Tony Kushner, numa crónica dedicada ao amigo, no final de 2012, no *The Guardian*, considera esta obra dura e especialmente destinada aos adultos que cresceram com os álbuns de Sendak. Cinquenta anos depois de escrever *Where the Wild Things Are*, terá Sendak voltado a criar uma obra de rutura? Acreditando nas palavras de Kushner, surpreendente será. E "inteiramente nova"...

Prémio Manuel António Pina

A FECHAR O ANO, A EDITORA PORTUGUESA Tcharan anunciou a criação do prémio Manuel António Pina, de literatura infantil e juvenil. O poeta desapareceu prematuramente em outubro de 2012, deixando uma das obras mais arrojadas no universo contemporâneo da literatura infantil portuguesa. Em homenagem à sua escrita, o prémio distinguirá o texto, independentemente da componente de ilustração que os livros a concurso possam ter.

Até ao fim de fevereiro, poderão concorrer ao prémio livros para crianças e jovens publicados em 2012, de qualquer país de expressão portuguesa, através dos seus autores ou editoras. A possibilidade de poderem participar autores espanhóis está ainda a ser analisada. O júri será composto por três elementos, um em representação da editora, o escritor português Álvaro Magalhães e outro convidado. O primeiro prémio terá o valor de 1500€ e haverá ainda lugar a uma menção honrosa no valor de 500€. Por enquanto, Adélia Carvalho e Marta Madureira não contam com apoios exteriores, pelo que canalizarão para o prémio os valores sobre os direitos de autor do livro *O País das Pessoas de Pernas para o Ar*, que Manuel António Pina lhes cedeu. Esta obra, a primeira de literatura infantil que escreveu, em 1973, foi reeditada pela Tcharan pouco depois da sua formação, em 2011, com ilustrações de Marta Madureira. O anúncio dos vencedores já tem data e local: a feira do livro do Porto, que decorre habitualmente entre finais de maio e meados de junho.

http://www.tcharan.pt/

SARAMAGUIANA

joaquim josé belite sara mago

O ano de 2012 terminou de forma triste para o Teatro com a morte do fundador da Companhia de Teatro de Almada, o criador do Festival de Teatro daquela cidade, o encenador Joaquim Benite. A Blimunda relembra o amigo de José Saramago, levando-nos de volta a representações de A Noite ou Que Farei com Este Livro? Para o futuro ficará a memória de um "construtor de teatro", de um construtor de vida.

página anterior

***Memorial do Convento*, Companhia de Teatro de Almada, Teatro da Trindade / Teatro Municipal de Almada, 1999**

Que Farei com este livro?, Canto e Castro e Teresa Gafeira, Grupo de Teatro de Campolide, Academia Almadense, 1980

***Que Farei com Este Livro?*, Canto e Castro, António Assunção e Carlos Santos, Grupo de Campolide, Academia Almadense, 1980**

páginas seguintes

***Que Farei com Este Livro?*, Panfleto para os trabalhadores do Arsenal do Alfeite, 1980**

FREDERICO CARRASQUINHA SILVA BARROS - Membro da C.T.A.

Considéro "Que farei com este Livro?" um espectáculo de fácil compreensão e culturalmente muito enriquecedor. Ele dá-nos uma imagem de Camões diferente daquelas que outras entidades culturais apresentam, e essa imagem permite-nos fazer o paralelo entre os factos antigos que nos são mostrados na peça e as situações idênticas que hoje vivemos.
Apesar de não ser um grande admirador de teatro, agradou-me o trabalho de todos os actores.
O que me levou a ir ver a peça foi o trabalho desenvolvido pelo Grupo de Campolide que procura combater de uma forma directa a deficiência cultural dos trabalhadores.
Recomendo esta peça a todos os meus camaradas de trabalho pela importância cultural do espectáculo e pela necessidade que há de imprimir nos meios trabalhadores uma verdadeira dinamização cultural.

MARIA LUCINDA MARTINS CORREIA SANTOS LUIS - Contabilidade

Gostei do espectáculo do Grupo de Campolide, quer pelas interpretações, quer pela ideia de fazer um espectáculo sobre Camões no ano das comemorações do IV centenário da sua morte, quer porque culturalmente nos enriquece, dando-nos, pelo menos, conhecimentos sobre a história, sobre a cultura do século XVI. Impressionou-me a figura de Camões dado como um homem actual, normal, um Camões que permanece vivo, e penso que foi bom não o terem vestido, como os outros personagens, com fatos da época. Isso seria roubá-lo aos outros séculos todos.
A peça parece-me de difícil compreensão, porque está numa linguagem do século XVI, e as pessoas em geral têm dificuldade em entender partes do diálogo. No entanto, essa linguagem enriquece a peça. O mal não é do século XVI, é da nossa pouca cultura. E , por outro lado, esse dificuldade pode ser um incentivo para as pessoas procurarem informar-se, saber mais.
Recomendo este espectáculo aos meus colegas e penso que em todas as empresas se deveria fazer um esforço para levar os trabalhadores ao teatro, porque a cultura não faz mal a ninguém, e é bom uma pessoa divertir-se e cultivar-se.

MANUEL JOSÉ MARQUES GOMES - Caldeiras

Embora tenha gostado mais de "A Noite", gostei muito de "Que farei com este Livro?", e já o vi duas vezes. Agradou-me toda a finalidade com que foi feito, a possibilidade que nos dá de compararmos o que se passou noutros tempos comgo que se passa hoje (a minha camarada, que gostou muito, disse que tudo aquilo era parecido com o que se passava no fascismo), a responsabilidade que nos dá a todos nós espectadores ao colocar-nos perante a pergunta: que fareis com este livro?
A peça é um pouco difícil de entender porque as pessoas estão habituadas apenas à revista, e têm falta de contacto com este tipo de teatro novo, que só começou a aparecer depois do 25 de Abril. No entanto, quando não se consegue entender um espectáculo à primeira vez, vai-se ver segunda vez e então já se compreende muitas mais coisas.
Quando fui ver a peça havia umas 50 pessoas na sala e apenas 4 ou 5 arsenalistas.
Por isso eu recomendo a peça a todos os meus camaradas, que devem despertar para o valor da actividade dos trabalhadores de teatro, para o valor do teatrocomo divertimento, como cultura, e como convívio saudável e, ainda para mais, neste caso, quase gratuito.

Uma iniciativa da UNIÃO DOS SINDICATOS DE ALMADA, CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA e GRUPO DE CAMPOLIDE, com o apoio da UNIÃO DOS SINDICATOS DE SETÚBAL, está a permitir levar os trabalhadores do concelho de Almada ao Teatro da Academia Almadense para assistirem à peça "Que farei com este livro?". Integrados nesta iniciativa que tem vinda a ser desenvolvida dentro do ARSENAL pelas COs, delegados sindicais e C.T.A., já muitos trabalhadores desta empresa puderam apreciar este espectáculo do Grupo de Campolide, beneficiando do preço acessível de 30$00 (o preço do bilhete na bilheteira é de 100$00).

Todos os trabalhadores do ARSENAL que ainda não tiveram oportunidade de assistirem a esta peça podem fazê-lo, adquirindo os seus bilhetes junto das estruturas representaivas dos trabalhadores.

TRABALHADORES DO ARSENAL FALAM SOBRE "QUE FAREI COM ESTE LIVRO?"

Ir ao teatro em grupo ou individualmente é uma forma de criar cultura.
É pois este o objectivo das organizações sindicais e da Câmara, empenhadas no enriquecimento cultural dos trabalhadores e da população em geral.
Muitos trabalhadores já ganharam o gosto pelo teatro divulgando estes espectáculos junto dos seus companheiros de trabalho após a sua ida ao teatro, ocupando assim os seus tempos livres num clima de amizade e camaradagem.

Uma discussão sobre uma manifestação artística é importante, Certos de que esta iniciativa iria ter os seus proveitos quisémos nós saber a opinião de algum público trabalhador sobre a peça "Que farei com este Livro?", e sobre o seu fim cultural.

Responderam FREDERICO CARRASQUINHA SILVA BARROS, membro da C.T.A., MARIA LUCINDA MARTINS CORREIA SANTOS LUIS, empregada de contabilidade, e MANUEL JOSÉ MARQUES GOMES, operário caldeireiro.

CRÍTICA DE TEATRO

"A Noite" tema de teatro à procura de um autor

Manuela de Azevedo

Homens de teatro sabem desde sempre haver dois temas que, não se percebe porquê, não interessam ao espectador. o da vida das redacções e o da vida de bastidores. Tão pouco o Teatro-Documento ultrapassa a média de um certo numero das pessoas do seu envolvimento intelectual ou social, ainda mesmo que o tema seja tratado com a emoção de «cadernos» mais ou menos memorialistas ou arrancados aos «dossiers» do Estado.

É evidente que, tratando-se de um texto baseado em documentos presunçosamente verídicos, abordados por quem os não viveu, em clima da hora, nas redacções, o que, não tendo experiência de teatro pretende obter determinados efeitos de política demagógica, o público desertará, por muito que esteja politizado. E se, não obstante carências artísticas do espectáculo esse publico permanece, pior será para a sua educação estética.

«A Noite», agora estreada pelo Grupo de Campolide (Almada) com a assinatura de José Saramago (texto), Joaquim Benite (encenação), António Alfredo (cenário) e Carlos Paredes (direcção musical) enferma, como «documento», de algumas faltas de verdade e excesso de incoerências; como teatro-arte, é prejudicada pela análise superficial dos factos, pela falta de um entrecho, pela falta de Teatralidade, pela ausência de recorte das personagens, se exceptuarmos uma, a do «chefe de redacção» e a da «mulher de limpeza». Mas se o autor quis fazer uma crónica do 25 de Abril, devia saber que nenhum chefe de tipografia, antes da libertação do pensamento português, ousaria ter as atitudes que lhe são aludidas em «A Noite». Sem de modo nenhum querer descaracterizar os verdadeiros oposicionistas dos quadros tipográficos dos jornais, as suas manifetações tinham apenas carácter salarial. E, mesmo assim, que difícil lhes era!

Isto, porém, são questões de pormenor e, como «A Noite» não é teatro-documento, seria como teatro-arte que deveria ser analisado.

Faltando-lhe, porém, um enredo a enquadrar no tema (o ambiente morno das redacções no dia 24 de Abril, até ao conhecimento do triunfo do movimento dos «capitães»), desligado da linguagem teatral, é evidente que também aqui escapa a qualquer análise, para além da política. Só a musica e o som das rotativas criam clima, emoção e elos de ligação.

Henriqueta Maia, num esforço para dar excessiva forma a um papelito insignificante; António Assunção, na personagem mais ajustadamente definida: Luís Alberto, o unico que antes do 25 de Abril «dá a cara» de oposicionista; Maria Henriqueta, uma vida sem voz que é a «mulher a dias» (com outras funções embora, ela passou pelos jornais da tarde, respeitada e estimada), são os melhores intérpretes. Citarei, apenas, dos restantes os de mais insuportável interpretação, o «director» (Alfredo Sobreira) e o do chefe da tipografia (Valdemar de Sousa).

Agora, se os autores quiseram descrever o ambiente de um grande jornal «que era uma força» (que ele quis aproveitar com um sinal contrário), então ficarão sabendo que os jornais não foram nessa madrugada á censura, porque, colectivamente, se decidiu que não havendo já Governo, nada havia que perguntar aos coroneis do SNI, assim se contrariando a vontade do administrador, o mais fascista que nos ultimos vinte anos passara pelas administrações. A verdadeira história, porém, há-de surgir um dia. Mas, antes, ou para já, quero deixar aqui uma palavra de aplauso para António Alfredo, responsável pela «estrutura» cénica, cheia de sugestividade, bem como para Victor Marques, a quem se deve uma excelente limonotecnia.

Tudo, o que é aqui importante não basta porém, para terminar glosando Pirandelo como se «A Noite» fosse um tema ainda á procura de autor.

***A Noite*, Crítica de Teatro, *Diário de Notícias*, 16 junho 1979**

página seguinte

Saudação de Joaquim Benite aos atores estreantes na peça *A Noite*, Grupo de Teatro de Campolide, 1979

GRUPO DE TEATRO DE CAMPOLIDE

TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE

Rua Capitão Leitão, 64 — ALMADA — TELEF. 275 21 27

Av. D. Carlos I, 63, 1.º — LISBOA — TELEF. 66 59 06

5/6/79 PRÉ-ANEXO À PRÉ-TABELA

Muita merda para todos.
Agradeço o esforço de todos.
O grupo de Campolide saúda especialmente os queridos camaradas que se estreiam hoje: Maya, Ema, Daniel, Xico, Heitor, Quicas. Que fiquem, por toda a vida deste grupo, unissono.
Luís: boa perna!

P.S. — Desculpem as habituais "brutalidades"

PROGRAMA REVISTA DE TEATRO DO GRUPO DE CAMPOLIDE • Av. D. Carlos I, 63, 1.º — LISBOA

PROGRAMA /20

A NOITE

14.° ESPECTÁCULO DO GRUPO DE CAMPOLIDE
6.° ESPECTÁCULO DA COMPANHIA PROFISSIONAL

José Saramago
(Texto)

Joaquim Benite
(Encenação)

António Alfredo
(Cenário)

Carlos Paredes
(Direcção musical)

Henriqueta Maia
(Cláudia)

Luís Alberto
(Torres)

António Assunção
(Valadares)

Alfredo Sobreira
(Director)

Daniel Garcia
(Guimarães)

Ema Paul
(Josefina)

Fernando Louro
(Fonseca)

Francisco Costa
(Cardoso)

Teresa Gafeira
(Esmeralda)

Valdemar de Sousa
(Jerónimo)

Alberto Quaresma
(Pinto)

Carlos Alberto
(Damião)

Joaquim Dionísio
(Rafael)

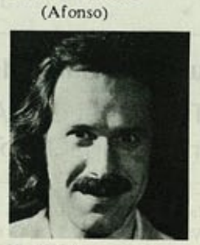
Manuel Pinheiro
(Afonso)

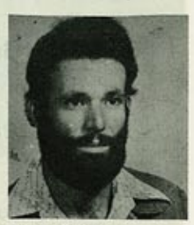
Maria Henriqueta
(Mulher da limpeza)

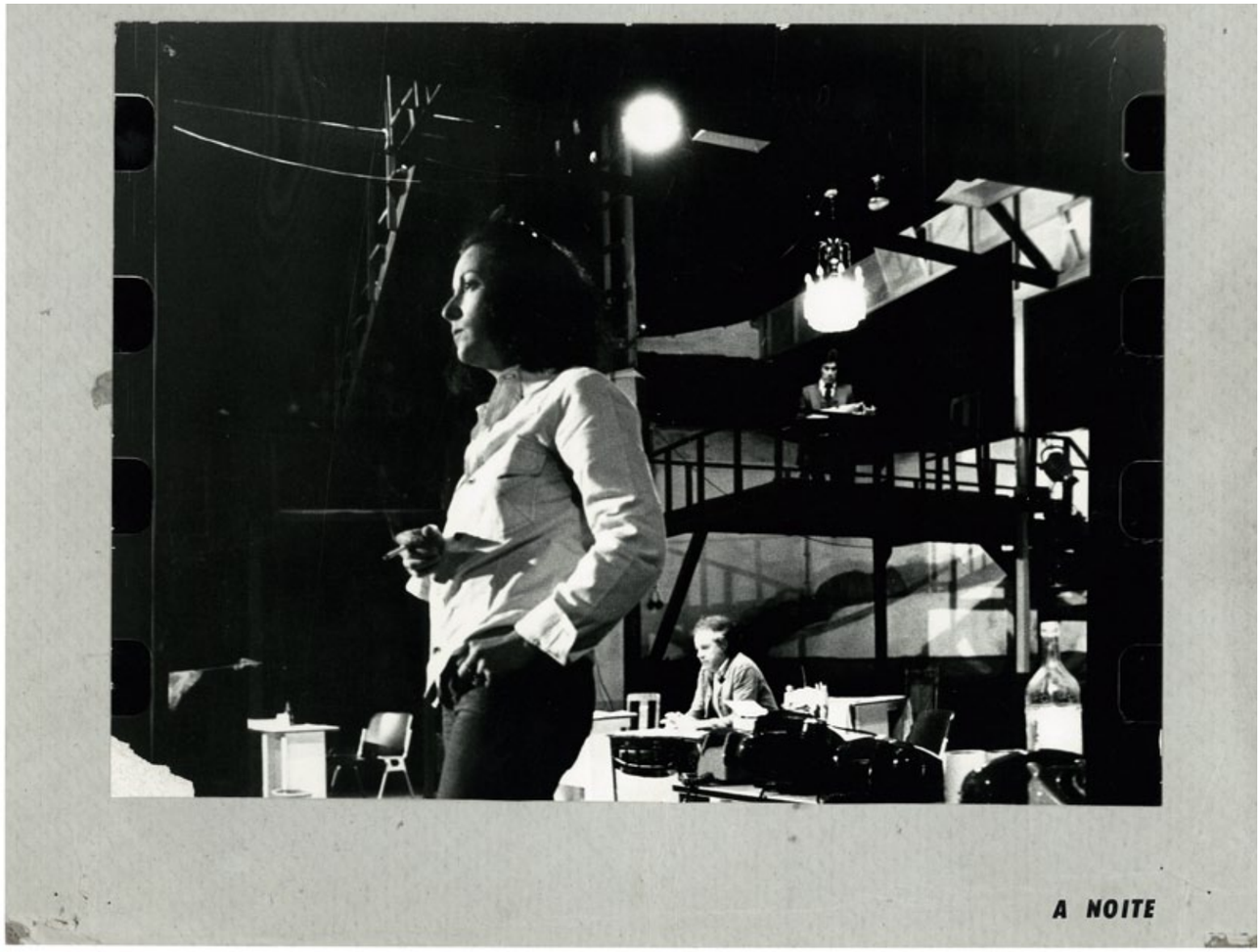
Silva Heitor
(Administrador)

Vítor Sestelo
(Faustino)

Vítor Marques
(Luz)


L. Guerra
(Som)


Bento Borges
(Maquinista)



página anterior

***A Noite*, Programa, Grupo de Teatro de Campolide, Academia Almadense, junho 1979**

***A Noite*, Henriqueta Maya**

GRUPO DE CAMPOLIDE EM ALMADA
DOIS ANOS DE ACÇÃO

Fundado em 1970, o Grupo de Campolide começou a trabalhar no Teatro da Academia Almadense no princípio do ano de 1978. Em dois anos de actividade, os resultados excederam tudo o que seria possível esperar.

Actualmente o Grupo, além do subsídio regular da Secretaria de Estado da Cultura, dispõe também de um subsídio mensal da Câmara Municipal de Almada e do apoio intenso de várias autarquias.

409 ESPECTÁCULOS E 72 000 ESPECTADORES

De Janeiro de 1978 a Fevereiro deste ano, o Grupo de Campolide apresentou em Almada oito peças: duas em reposição («1383» e «O Santo Inquérito») e seis em estreia: «Trinca-Fortes e os seus Amigos», de J. Maia e H. Reynolds; «As Aventuras de Tê Eulenspiegel», de Virgílio Martinho; «O Pequeno Círculo de Giz», de A. Sastre; «A Sapateira Prodigiosa», de Garcia Lorca; «A Noite», de José Saramago e «A Queda dum Anjo», de Camilo Castelo Branco. Com estas peças o Grupo deu um total de 409 representações com 71 942 espectadores, média de 176 espectadores por espectáculo. Alguns destes espectáculos foram verdadeiros acontecimentos no teatro português.

124 ESPECTÁCULOS EM ITINERÂNCIA

Das 409 representações feitas em dois anos, 124 foram realizadas fora do Teatro da Academia Almadense. Destas, 52 representações efectuaram-se em 9 concelhos do distrito de Setúbal (Almada, Setval, Barreiro, Palmela, Moita, Sesimbra, Setúbal, Santiago do Cacém e Sines). A média de espectadores em digressão foi de 311 por espectáculo.

29 000 CRIANÇAS E 83 ESPECTÁCULOS

Nestes dois anos foram levadas à cena duas peças para a infância: «Trinca-Fortes» e «O Pequeno Círculo». O número de espectáculos infantis (83) corresponde a 20% do número total de representações dadas pelo Grupo, e do número total de espectadores. Já este ano foram feitas mais obtevе 28 828 espectadores. Já este ano foram feitas mais 86 representações nas escolas, com a pequena peça de Rosa Colaço «Camões tão perto e tão longe», para um total de 5161 crianças.

UM LONGO TRABALHO DE ANIMAÇÃO CULTURAL

Paralelamente à actividade de produção de espectáculos, o Grupo de Campolide tem desenvolvido ao longo destes dois anos um intenso trabalho de animação cultural alguns numeros (não exaustivos): apresentação de 27 espectáculos de teatro de outras companhias profissionais, incluindo uma francesa e outra romena; 13 colóquios; 7 exposições documentais e artísticas; participação em 24 festas populares, etc. De referir ainda o apoio prestado aos grupos amadores (Grupo Amador da Academia Almadense; Teatro Amador da Incrível, Grupo da Sociedade Operária Amorense; Centro Cultural de Paivas) e o empréstimo de material e apoio técnico a numerosas entidades do distrito, desde colectividades recreativas a grupos de teatro e organismos populares.

PREÇOS DE 30$00 PARA TRABALHADORES

UMA ACÇÃO CONJUGADA DA UNIÃO DOS SINDICATOS DE ALMADA, CÂMARA DE ALMADA E GRUPO DE CAMPOLIDE COM O APOIO DA UNIÃO DOS SINDICATOS DE SETÚBAL

Os trabalhadores do concelho de Almada, organizados em visitas colectivas ao teatro da Academia Almadense poderão ver a peça «QUE FAREI COM ESTE LIVRO?» ao preço de 30$00 por bilhete. Uma tal iniciativa tornou-se possível em virtude da acção conjugada da União dos Sindicatos de Almada, da Câmara Municipal de Almada e do Grupo de Campolide, com a colaboração da União dos Sindicatos de Setúbal. Trata-se de uma regalia de que beneficiarão os trabalhadores (o preço do bilhete na bilheira é de 100$00), inicita nos objectivos de desenvolvimento de um verdadeiro teatro popular que preocupa conscientemente as entidades promotoras desta acção.

A IMPORTÂNCIA DE CONHECER A OBRA DE CAMÕES

A peça «QUE FAREI COM ESTE LIVRO?», de José Saramago, é uma obra teatral baseada na vida e na obra de Luís de Camões e nos entraves colocados pelo poder da época em que viveu (através da Censura da Inquisição) à publicação de «Os Lusíadas». A peça «é uma visão não comemorativa de Camões» no ano em que se celebra o 4.º centenário da maior figura das letras portuguesas. O espectáculo está integrado nas comemorações concelhias do centenário de Luís de Camões, promovidas pela Câmara Municipal de Almada.

Durante muito tempo as classes dominantes tentaram apropriar-se da obra e da figura de Camões. Mas um grande poeta livre, como Camões foi, pertence a todo um povo e não a pequenos grupos poderosos ou a elites culturais. É por isso importante que todos vejam este espectáculo para conhecerem melhor o significado da obra do autor de «Os Lusíadas».

Trazer o maior número possível de trabalhadores ao teatro para verem «Que farei com este livro?» é o objectivo das organizações sindicais e da Câmara de Almada, empenhadas no enriquecimento cultural dos trabalhadores e da população em geral.

IR AO TEATRO EM GRUPO É UMA FORMA DE CRIAR CULTURA

O Grupo de Campolide tem como um dos objectivos centrais da sua actividade a sensibilização de largas camadas de público não habituado a frequentar os teatros, como forma de alargamento do público teatral, de elevação da sua consciência cultural, e de divulgação do teatro entre os trabalhadores. Antes do 25 de Abril, só havia teatro em Lisboa. Agora, e cada vez mais, o público de todo o País vai tendo acesso ao teatro.

O Grupo de Campolide tem organizado deslocações colectivas de trabalhadores para assistirem aos seus espectáculos. Muitos trabalhadores de muitas empresas já ganharam o gosto pelo teatro e passaram a ser espectadores habituais do grupo. Muitos divulgam os espectáculos junto dos seus companheiros de trabalho. Eles sabem que ir colectivamente ao teatro é uma forma de ocuparem os seus tempos livres num clima de amizade e camaradagem, uma oportunidade de se divertirem e de se enriquecerem culturalmente. E sabem que quando vêm colectivamente ao teatro podem esclarecer-se mutuamente, discutirem, sobre uma manifestação artística a que todos assistiram.

teatro para trabalhadores

GRUPO DE CAMPOLIDE

CANTO E CASTRO no papel de Luís de Camões

Que farei com este livro?

de JOSÉ SARAMAGO

encenação JOAQUIM BENITE cenários JOÃO VIEIRA música ANTONIO ASSUNÇÃO

espectáculo integrado nas comemorações concelhias do centenário de Camões

TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE

"Que farei com este livro?"

UMA PEÇA DE JOSÉ SARAMAGO SOBRE A OBRA DE LUÍS DE CAMÕES

José Saramago

José Saramago nasceu em 1922, em terra ribatejana. Descende de famílias de trabalhadores rurais. Fez os estudos que pôde e teve-os tão longe quanto foi determinado a viver do ofício, passou por não poucas e as vezes contraditórias actividades, desenhador, burocrata, editor, jornalista, tradutor, estudante sempre. Depois de ter publicado em 1947 um primeiro livro a que dá pouca importância, esteve calado durante quase 20 anos: só em 1966 volta a aparecer com «Os Poemas Possíveis», a que se seguiu, em 1970, outro livro de poesia, «Provavelmente Alegria». A partir de então tem mantido um trabalho regular que abrangeu a crónica («Deste Mundo e do Outro», 1971; «A Bagagem do Viajante», 1973), novamente a poesia («O Ano da Morte de Ricardo Reis», 1984), o comentário político («As Opiniões que o DL teve», 1974; «Os Apontamentos», 1976), o conto («Objecto Quase», 1978), o romance («Manual de Pintura e Caligrafia», 1977; «Levantado do Chão», 1980). Com «A NOITE», que vinha a ser distinguido com o PRÉMIO DA CRÍTICA PARA O MELHOR TEXTO ORIGINAL DE 1979, tentou o teatro. Permitam agora com «Que Farei com este livro?», uma peça que é tanto sobre Camões como acerca de todos nós, portugueses. Quanto a obras futuras, prometeu que sim, todos a Portugal», e, havendo vida e saúde, realizará outros propósitos que tem, todos resumidos na pergunta que o vem perseguindo: Que povo somos? Espera que o mesmo povo o ajude a encontrar a resposta. Ou uma resposta.

UMA NOVA ENCENAÇÃO DE JOAQUIM BENITE

«Que Farei com este Livro» é o 11.º trabalho de um dos encenadores mais em foco do teatro português: Joaquim Benite, fundador e director artístico do Grupo de Campolide. Jornalista, crítico de teatro e encenador, Joaquim Benite estreou-se no teatro amador em 1971 com a encenação da peça «O Avarento» de Moliére. Morreu ao Amanhecer», de A. Cuzanis, e no teatro profissional em 1975, ano em que encenou «O Santo Inquérito», de Dias Gomes, para a «Seiva Trupe», do Porto.

Como jornalista trabalhou nos jornais «República», «Diário de Lisboa», «O Primeiro de Janeiro» e «O Século». Foi crítico de teatro do «Diário de Lisboa» e das revistas «Notícia» e «Século Ilustrado» e chefe de redacção de «O Século», lugar de que seria demitido em 25 de Novembro de 1975. Encenou, além das peças já indicadas: «Vida do Grande D. Quixote e do Gordo Sancho Pança», de António José da Silva; «Fagopopulus», «O Grande Cidadão» e «1383», de Virgílio Martinho; «Aventuras de Tê Eulenspiegel», de Virgílio Martinho — Charles de Coster, e «A Noite» de José Saramago. Encenou juntamente com Morais e Castro o espectáculo «Camões» realizado em 1980 pelo PCP no Coliseu dos Recreios. Dirigiu cursos de teatro no Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra e na CGTP-IN.

CENÁRIOS DE JOÃO VIEIRA

João Vieira, além de ser um dos mais importantes expoentes da pintura em Portugal, é também um dos mais destacados cenógrafos do nosso teatro. Entre os seus trabalhos cenográficos contam-se: «O Monstro Cargão» de H. Pinter, «O Queixo», de B. Brecht, pelo TEC; «O Círculo de Giz Caucasiano», de B. Brecht, pelo Grupo 4; «O Conde de Novion» de A. Garret e «A Pipa», de Aristófanes, pelo Centro Cultural de Évora, etc. No Grupo de Campolide, João Vieira assinou as cenografias das seguintes peças: «Fulgor e Morte de Joaquim Murieta», de Pablo Neruda, «1383», de Virgílio Martinho, «O Quixote Libertado», de Tunaicharsky, João Vieira foi também o colaborador da peça «Quem tem Medo de Virginia Woolf?», de Edward Albee.

Recentemente participou com grande êxito na última Bienal de Veneza e desempenhou as funções de Chefe de Gabinete do Secretário de Estado da Cultura do V Governo Constitucional, Hélder Macedo.

UMA GRANDE PRODUÇÃO DO GRUPO DE CAMPOLIDE NO TEATRO ACADEMIA ALMADENSE

«Que Farei com este Livro?» é uma peça sobre Camões.

«Que Farei com este Livro?» é um espectáculo sobre a luta de um artista pela publicação da sua obra.

«Que Farei com este Livro?» é um espectáculo sobre um mundo em transformação.

«QUE FAREI COM ESTE LIVRO?» É MAIS UM GRANDE ESPECTÁCULO DO GRUPO DE CAMPOLIDE.

***Que Farei com Este Livro?*, Programa (Interior), Grupo de Teatro de Campolide, Academia Almadense, 1980**

***Que Farei com Este Livro?*, Programa (Capa), Grupo de Teatro de Campolide, Academia Almadense, 1980**

REVISTA DE TEATRO DO GRUPO DE CAMPOLIDE / OUTUBRO 1980 / PREÇO 50$00

PROGRAMA 4

A DESCENTRALIZAÇÃO TEATRAL

O TEATRO PARA A INFÂNCIA

Que farei com este livro?

Joaquim Benite

Encenador e director da Companhia de Teatro de Almada foi quem estreou José Saramago no teatro em 1979, com a peça *A Noite* . Do mesmo autor encenou *Que farei com este livro?* , para o teatro e para a RTP. Entre os seus mais recentes trabalhos contam-se *Othello* , de Shakespeare, *Caligula* , de Camus, *O Cerco de Leninegrado* , de Sanchis Sinisterra, *D. Perlimplim* , de Lorca, para a Companhia de Teatro de Almada; *Shirley Valentine* , de Willy Russel, para o Teatro Nacional D. Maria II e *La Noche que no Llego el Viento* , de Javier Villanueva, em Espanha.
Prepara uma adaptação de *Viagens na Minha Terra* , de Almeida Garrett para apresentar em Setembro no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian.

Miguel Real

Miguel Real é o autor do ensaio *Narração, Maravilhoso, Trágico e Sagrado em Memorial do Convento de José Saramago* (Ed. Caminho).
Além desta adaptação de Memorial do Convento é também autor, com Filomena Oliveira, de uma dramaturgia sobre a vida e a obra de Eça de Queirós, para a Companhia de Teatro de Sintra.
Entre outros trabalhos publicou : *Carta de Sócrates a Alcibíades, seu Vergonhoso Amante* (1987, Ed. Mar-Fim). *A Verdadeira Apologia de Sócrates, Narrada por Platão* (1997, Ed. Campo das Letras). *Introdução à Filosofia da Saudade em Portugal no Século XX* (1998, Lisboa Editora).

Filomena Oliveira

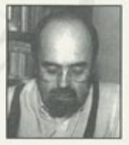
Licenciada em filosofia, frequenta o curso superior de Estudos Especializados em Teatro e Educação no Conservatório Nacional. Além das dramaturgias já referidas é co-adaptadora para o teatro, com Carlos Carvalheiro, do romance *A Voz dos Deuses* , de João Aguiar, e autora da peça *Tomar lá do O'Neill* , a estrear em Maio pela Companhia de Teatro de Sintra. É actriz do grupo de teatro *Fatias de Cá* de Tomar, representando o papel titular na peça *T de Lempicka* .

José Manuel Castanheira

Formado em arquitectura, é professor na Faculdade de Arquitectura de Lisboa. As suas cenografias abrangem uma grande variedade de autores, desde Strindberg a Tchekhov, dos gregos a Shakespeare ou a Fassbinder.
Orientou seminários e cursos de cenografia em várias universidades e escolas no Porto, Lisboa, Clermont-Ferrand e Avignon. Foi director técnico do Teatro Nacional D. Maria II de 1994 a 1997. Para a Companhia de Teatro de Almada fez em 1997 a cenografia da peça *O Carteiro de Neruda*, com encenação de Joaquim Benite e em 1998 *O Cerco de Leninegrado* do mesmo encenador.

Filipe Faísca

Diplomado pelo I.A.D.E., participou com as suas criações em desfiles nacionais e internacionais. Criou e executou guarda-roupas para diversos filmes, entre os quais *Corte de Cabelo*, de J. Sapinho, *Adão e Eva* de J. Leitão. Executou os figurinos para o bailado *A Sagração da Primavera*, no C. C. Belém, em 1994, e para a ópera *Fidélio*, encenada por Paulo Ferreira de Castro, no Teatro S. Carlos, no mesmo ano.
Para a Companhia de Teatro de Almada criou os figurinos das peças *O Valente Soldado Schwelk*, de Hasek, encenada por J. Listopad, *Othelo*, de Shakespeare, encenada por J. Benite, *O Tambor de Seda*, de Yukio Mishima, encenada por Monique Rutler e *O Cerco de Leninegrado*, encenada por J. Benite.



Paulo Brandão

Incluem-se no seu catálogo partituras para teatro, cinema e bailado. Na sua colaboração em encenações de Luis Miguel Cintra compôs para as obras *Fausto* , apresentada em Paris, no Centro G. Pompidou, e *La Mort du Prince* , apresentada no Festival de Avignon.
Em 1993 obteve o prémio da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro para as produções *Os Cavaleiros da Távola Redonda* e *Onde está a música ?* , ambas produções do Teatro da Malaposta, e compôs para a Companhia de Teatro de Almada a música original de *Othello*, de W. Shakespeare.

Teresa Gafeira

Estreou-se como actriz no Grupo de Campolide, de que faz parte desde 1972. Tem representado textos de Gil Vicente, António José da Silva, Almeida Garrett, Virgílio Martinho, Dias Gomes, Pablo Neruda, Eugene O'Neill, Molière, Brecht, Gogol, Marguerite Duras, Puchkine, Lorca, Samuel Beckett, Mikhail Bulgakov, etc.
Em 1993 recebeu o Prémio da Crítica para a Melhor Interpretação do Ano pelo seu desempenho em *Os Dias Felizes*, de Samuel Beckett (encenação de Júlio Castronuovo e Joaquim Benite).
Em 1998 foi protagonista da peça *Medeia Estrangeira*, de Willy Kyrklund, encenada por Jorge Listopad.
Como encenadora, tem dirigido espectáculos para a infância.

Augusto Portela

Curso de actores do Conservatório Nacional de Lisboa.
No teatro destacam-se a sua participação nas seguintes peças: *Sangue no Pescoço da Gata*, de Fassbinder, *As Cadeiras*, de Ionesco, *A Tarantela Vermelha*, de Salvatore Cuffaro, *Bent*, de Martin Sherman, *10-43 Extasis*, com encenação de José Neto. *Comédia Eufrósina, Camões* e *Comédia Ulyssipo*, com encenação de Silvina Pereira, *Cyrano e Comédia de Enganos*, encenação de Claudio Hochman, *Cenas de uma tarde de Verão*, encenação de António Rama, *Jogo da Glória*, encenação de Carlos Fragateiro, *O Sentinela Alerta*, encenação de João Ricardo.

Jorge Sequerra

Estágios profissionais com:Julian Beck e o Living Theatre, Adolfo Gutkin, Berliner Ensemble, Drama Center de Londres, entre outros.
Inicia a sua carreira teatral em 1977. De 1981 a 85 integra o Teatro Estúdio de Lisboa. Trabalha com Luzia Maria Martins, Artur Ramos e João Guedes. Destaque para a *Classe Dominante*, de Peter Barnes, *Guerra e Paz*, de Tolstoi/Piscator e *All Over*, de Edward Albee.
De 85 a 88, na Barraca, onde faz várias peças de repertório.
De 88 até hoje nunca deixou o teatro, dedicando-se também à televisão e às dobragens.

Memorial do Convento, Programa, Companhia de Teatro de Almada, 1999, Teatro da Trindade, Teatro Municipal de Almada

Memorial do Convento é, de todos os títulos do Prémio Nobel de literatura José Saramago, vai ser apresentado no Teatro.
Sendo o romance mais vendido numa obra que em conjunto já vendeu só em Portugal mais de um milhão e quatrocentos mil exemplares, Memorial do Convento constitui o maior êxito de sempre da ficção no nosso País.
É este monumento literário que Miguel Real (autor de um importante ensaio sobre a obra de Saramago) e Maria Filomena Oliveira adaptaram para o teatro. O espectáculo, que tem encenação de Joaquim Benite (o mesmo encenador que estreou José Saramago em teatro, com "A Noite", em 1979), é uma co-produção da Companhia de Teatro de Almada, da Companhia de Teatro de Sintra e do Teatro da Trindade (INATEL), e conta com os apoios do Ministério da Cultura e das Câmaras de Almada e Sintra.
Cerca de trinta actores (num elenco em que se destacam grandes nomes do teatro português, como Teresa Gafeira, Francisco Costa, Augusto Portela e Jorge Sequerra) dão corpo a esta saga que se inspira na construção da "Passarola", o invento do Padre Bartolomeu de Gusmão no século XVIII e na do Convento de Mafra, para aludir ao sonho de superação humana e da liberdade.
Mantendo o sabor da prosa singular de Saramago, o espectáculo transporta-nos das lutas contra o obscurantismo da inquisição e da perseguição aos Judeus, para o plano geral dos valores da dignidade e da ânsia do conhecimento.

De 20 de Maio
a 27 de Junho
no
Teatro da Trindade

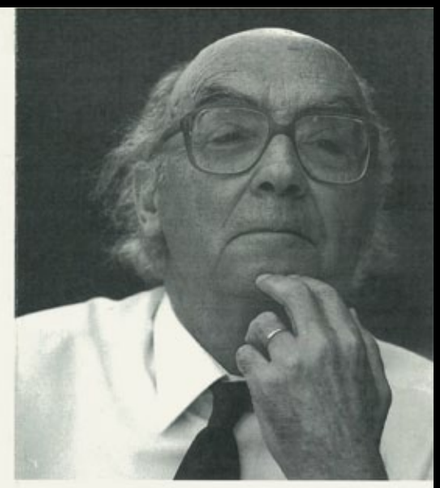
Em Junho
no
Teatro Municipal de Almada

Contactos

Teatro Municipal de Almada
275 21 75 / 275 65 67
Fax: 274 48 56

Teatro da Trindade
342 59 38 - Fax 342 98 65

A CAPITAL · O INDEPENDENTE · PÚBLICO



Memorial DO CONVENTO

José Saramago

Encenação de Joaquim Benite

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA · INATEL · COMPANHIA TEATRO DE SINTRA

páginas seguintes
Memorial do Convento, 1999

Joaquim Benite José Saramago

AGENDA

até 23 JAN
Amostrão Vila Verão
Encontro de compositores e intérpretes de música popular brasileira, seguido de encontro de rodas de choro. No Teatro Vila Velha, em Salvador da Bahia.
http://www.teatrovilavelha.com.br/

28 JAN
ABC da Edição Digital
Primeira conferência para a edição digital de livros para crianças, que reunirá especialistas e intervenientes vários do sector editorial infantil e da leitura em suporte digital. Na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.
http://www.nave-especial.pt/

25 e 26 JAN
Paisagens Propícias
Espetáculo de dança criado a partir da obra literária de Ruy Duarte de Carvalho. No Teatro Nacional de São João, no Porto.
http://www.tnsj.pt/

até 30 JAN
Amor de Mãe – Parte 13
Peça de Elzemann Neves que tem como protagonistas uma mãe que decide não dar à luz, para proteger o filho das desgraças do mundo, e o seu filho. No Sesc Consolação, em São Paulo.
http://www.sescsp.org.br/sesc/

até 2 FEV
Barcelona 1957
– El retrat d'una ciutat
Exposição das fotografias que Leopoldo Pomés tirou em Barcelona e que o editor Carlos Carral não aceitou como matéria prima para o livro que ambos queriam publicar sobre a cidade. Na Fundació Foto Colectanea, em Barcelona.
http://www.colectania.es/

até 3 FEV
Un Mundo Flotante
Primeira grande exposição retrospectiva do fotógrafo Jacques Henri Lartigue (1894-1986). No Museu de Arte Contemporânea, na Corunha.
http://www.mac.gasnaturalfenosa.com/

AGENDA

até 3 FEV
Azul dos Ventos
Exposição retrospectiva de Arthur Bispo do Rosário, artista que viveu meio século internado no hospital psiquiátrico do Rio de Janeiro. No Museu da Cidade, em Lisboa.
http://www.museudacidade.pt/

até 17 FEV
África, Ver-se e Dar-se a Ver
(See You, See Me)
Exposição fotográfica que confronta duas visões sobre África, a etnográfica e a contemporânea, através da lente de vários fotógrafos. No Museu de Arte de Macau, em Macau.
http://www.mam.gov.mo/main.asp?language=2

até 30 MAR
A Casa Branca
– 8 Histórias de Sophia, 8 Ilustradores
Oito ilustradores portugueses criam imagens a partir do universo de Sophia de Mello Breyner Andresen. Palácio Ribamar, em Algés, até 30 de Março.
http://www.cm-oeiras.pt/Agenda%5CPaginas/ACasaBranca.aspx

até 31 MAR
Criar Identidade: Presépios Madeirenses
Exposição de presépios integrantes da colecção do Museu Etnográfico e de um conjunto de interpretações contemporâneas do Presépio. Museu Etnográfico da Madeira, na Ribeira Brava.
https://www.facebook.com/museuetnografico.damadeira?fref=ts

até 31 MAR
Gentes de río, Embera y Wounán de las selvas del Chocó
Exposição de fotografias assinadas por vários etnógrafos sobre os povos Embera e Wounán, da selva colombiana. No Museu del Oro, em Bogotá.
http://www.banrepcultural.org/

até 17 MAR
Contraluz
Exposição retrospectiva dos trinta anos de trabalho fotográfico de Juan Gatti. No Museo de Artes Plásticas Eduardo Sívori, em Buenos Aires.
http://museos.buenosaires.gob.ar/

BLIMUNDA

Diretor

Sérgio Machado Letria

Edição e redação

Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

Design e paginação

Jorge Silva/Silvadesigners

Capa

Elisabete Gomes/Silvadesigners

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

http://www.josesaramago.org

N.º registo na ERC – 126 238

Os textos assinados são

da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons